



**PRÉMIO
ESTÁGIOS
EM
PORTUGAL
E NO
MUNDO**

2013

| | |
|-----------|-----------------------------------|
| 04 | Introdução |
| 06 | Depoimentos |
| 08 | Álvaro Siza |
| 10 | Manuel Graça Dias |
| 13 | José Mateus |
| 14 | Rui Alexandre |
| 16 | Luís Pereira Miguel |
| 17 | Eles contam a sua história |
| 19 | José Adrião |
| 21 | Ricardo Paulino |
| 22 | João Ferrão |
| 24 | Prémio |
| 26 | Ana Silva |
| 34 | Inês Trindade |
| 40 | João Azougado |
| 48 | Joel Gomes |
| 52 | João Bentes |
| 64 | Apreciação do Júri |
| 69 | Exposição e Conferência |



PRÉMIO ESTÁGIOS EM PORTUGAL E NO MUNDO

ENTREGA DE PRÉMIOS
+
CONFERÊNCIA
+
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

entrada livre

30 MAIO – 18H30

Exposição aberta ao público de 31 de Maio a 14 de Junho
Dias úteis das 10h00 às 18h00 – Galeria da Ordem dos Arquitectos
Conferência - **atribuição de 1 crédito** relativo à formação de temáticas opcionais de ingresso na OA.



OA ORDEM DOS ARQUITECTOS
SECÇÃO REGIONAL DO SUL

Conselho Regional de Admissão do Sul

Outubro 2013

O Prémio estágios em Portugal e no Mundo consistiu numa acção de promoção e divulgação do período de estágio, de acesso à Ordem dos Arquitectos. Foi desenvolvido com o apoio da Secção Regional Sul da Ordem dos Arquitectos com o objectivo de premiar as histórias e experiências mais interessantes vividas no período de estágio.

Desde o seu lançamento, em Fevereiro de 2013, até à sua conclusão em Junho de 2013, o que parecia ser apenas um prémio tornou-se num acontecimento, extravasando as fronteiras da Secção e do próprio estágio. Com a criação de um blogue próprio e independente, rapidamente surgiu a necessidade de actualizá-lo com conteúdos e ideias. O blogue passou a ser a plataforma de comunicação preferencial com os interessados e candidatos ao prémio de estágio. Através dele fomos divulgando o júri, recolhendo histórias de outros arquitectos, experiências gravadas em vídeo ou fotografia, atraindo cada vez mais público para o tema e para o próprio blogue.

Em paralelo aproveitou-se para recolher e sintetizar toda a informação estatística que a Secção Sul dispunha sobre o estágio. Esse trabalho foi reunido e formatado especialmente para a exposição final das propostas vencedoras, completando a visão pessoal de cada premiado com a visão nua e crua dos números. Pela primeira vez conseguimos olhar para este momento da vida dos arquitectos de forma objectiva, compreendendo os fenómenos da emigração, oferta de trabalho e os ciclos da vida económica tanto do nosso país como do mundo.

No final do evento, que consistiu na apresentação ao público dos relatos vencedores e na exposição organizada envolvendo a fotografia, a infografia e o vídeo, foi possível registar três visões diferentes sobre o mesmo assunto. Uma primeira visão dos vencedores, muito pessoal e singular. Uma segunda visão, a das estatísticas, reunidas em infografia, e portanto clara e objectiva. E por último, uma terceira visão geracional, com relatos e testemunhos inéditos de várias gerações de arquitectos portugueses, completando com isso o quadro sobre uma fase fundamental da vida de qualquer arquitecto.

Dado o interesse crescente no evento, entendido como o somatório de todas as actividades e acontecimentos desse período, optámos por desenvolver esta pequena publicação, com o exercício de compilar a informação que achamos relevante e digna de registo editorial que o tempo não a apague.

Esperamos que seja do interesse do leitor assim como o foi do nosso interesse publicá-lo. Fica para já o registo de um evento que acabou por documentar de forma simples e informal uma parte da nossa vida enquanto arquitectos que muito nos preocupa mas da qual pouco falamos e ainda pouco sabemos.

Uma operação de comunicação inédita

Margarida Portugal

O Prémio Estágios em Portugal e no Mundo foi uma das mais completas e bem sucedidas operações de comunicação que a OASRS gerou em torno de um evento desta natureza.

Juntou a comunicação através dos meios tradicionais da OASRS – o site, as redes sociais -, à criação de uma plataforma exclusiva – o blogue – e uma parceria com um media digital de referência – no caso, o P3, produto digital do Jornal Público -, com o perfil de audiência certo para o Prémio. A combinação simultânea destas possibilidades nunca antes tinha sido testada desta forma.

Foi o carácter inédito desta confluência que permitiu que o processo se desenrolasse com um encadeamento invulgar: a existência de um blogue, por exemplo, obrigou a pensar de outra forma os conteúdos para o alimentar; imaginar estes conteúdos levou à ideia de pedir depoimentos a arquitectos sobre o que foi o seu estágio; por sua vez, as histórias contadas pelos arquitectos vieram enriquecer de forma extraordinária a nossa parceria com o P3.

Pela primeira vez, testaram-se formatos de som e vídeo e pudemos não só ler, como ver e ouvir o arquitecto Siza Vieira no seu atelier a falar do arquitecto Távora com quem partilhou o seu início de carreira.

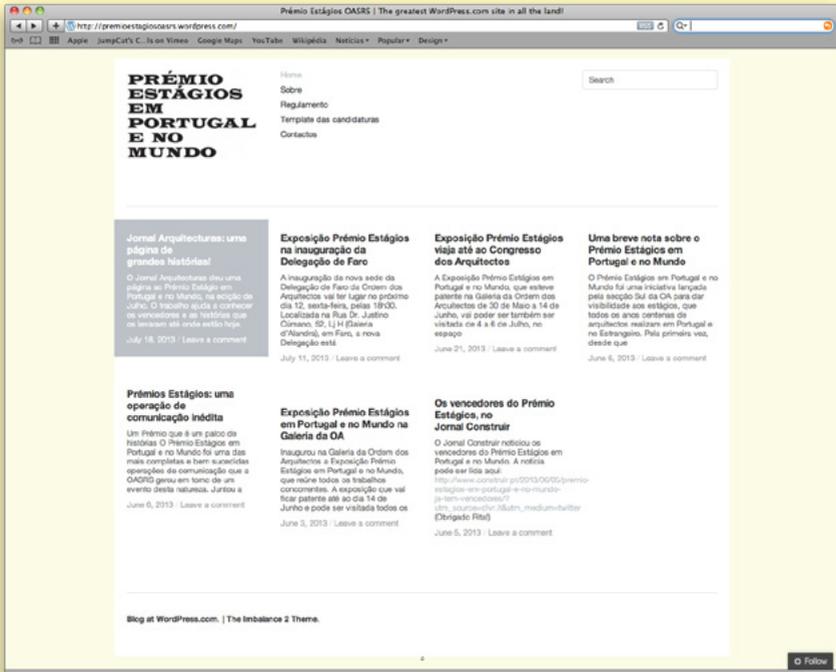
É claro que a isto não é de todo alheia a excepcionalidade dos arquitectos convidados a partilharem as suas memórias: Manuel Graça Dias, o exigente e prodigioso contador de histórias; o pragmatismo vertiginoso de José Mateus; e Siza, o generoso sábio, para onde parecem convergir todos os caminhos da arquitectura. A estes, somou-se as narrativas faladas do José Adrião, Ricardo Paulino e João Ferrão, num evento organizado com o objectivo de homenagear o poder das histórias.

Criado com o propósito de colocar o estágio dos arquitectos no lugar a que ele pertence – o princípio nem sempre auspicioso, mas incontornavelmente decisivo, de uma carreira profissional – o Prémio Estágios parece ter cumprido o seu papel.

Juntas, as notícias sobre o Prémio, os testemunhos, o blogue e as redes sociais, geraram milhares de visualizações e provaram que a arquitectura é um lugar de pessoas com muitas histórias para contar – assim existam palcos para as receber.

Ficou provado que o Prémio Estágios em Portugal e no Mundo é um desses palcos.

http://premioestagiosoars.wordpress.com/



depoimentos

Trabalhar com o arquitecto Távora foi melhor do que qualquer estágio

Álvaro Siza

No meu tempo não havia estágio, mas eu tive a sorte de ser convidado pelo arquitecto Távora, no meu 4º ano. Ele estava a fazer uma exposição sobre o milénário, em Guimarães, e convidou-me para participar na montagem dessa exposição. Logo a seguir convidou-me também para trabalhar no escritório dele, numa altura em que estava a terminar o projecto de execução de Vila da Feira.

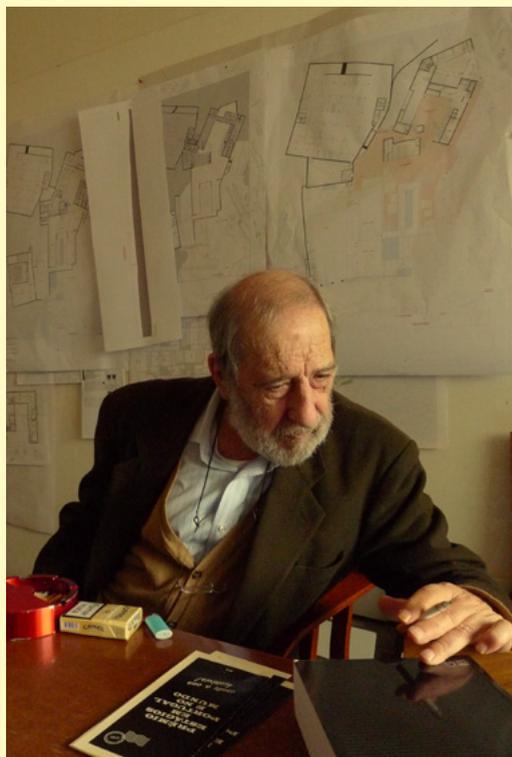
Trabalhei no atelier como desenhador. O ambiente era muito bom, havia pouca gente, conversava-se muito, por vezes ele ia para fora, fazia viagens e quando voltava contava tudo com grande entusiasmo. É o caso dos Congressos do CIAM [Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna] que estavam numa fase muito criativa, complexa e às vezes conflituosa. Estou-me a lembrar da entusiástica descrição que fez de uma visita à Maison Jaoul [Le Corbusier], e como perguntou à senhora que lá morava se gostava de viver naquela casa maravilhosa e ela disse: “Por um lado gosto, por outro lado não gosto. Então porquê? Porque há muitos visitantes”.

E lembro-me de ele contar da agressividade da mulher do [Peter] Smithson, a Alison, ou do debate entre o [Georges] Candilis, que apresentava o projecto de uma cidade de 100 mil habitantes, feito em dois ou três meses, ao que o [Josep Antoni] Coderch respondeu, “Desse tempo preciso eu para fazer uma casinha”. Há muitas histórias que definem a personalidade dessas pessoas mais intervenientes.

Ele contava tudo isso na Faculdade que eu frequentava, não já no curso regular, mas numa 2ª fase de concursos. Foi um excelente estágio e a criação de uma grande amizade que durou pela vida fora.

Tive um primeiro trabalho, umas casinhas em Matosinhos que eram de gente que conhecia a minha família. Pouco depois a Câmara de Matosinhos abriu um concurso para o Restaurante da Boa Nova, para o qual convidou o Távora.

Távora convidou os colaboradores, éramos cinco, para fazerem o projecto. Antes de tudo foi ao local e disse-nos “deve ser aqui” (aquele local magistral) e no final fez uma bela memória descritiva. Acompanhou sempre o projecto,



A formação de um arquitecto é ter não uma, não duas, não três, mas muitas referências até ao ponto de ficarem no subconsciente e aparecerem quando é preciso

auxiliando, apoiando nos períodos de crise, quando o projecto atrasava e a câmara ficava nervosa.

Quando entrei para o estúdio já tinha uma salinha partilhada com outros colegas alguns dos quais fizeram parte da equipa da Boa Nova. Nessa sala, que era no Imperial, na Praça da Liberdade, estávamos cinco.

Lembro-me de visitar obras com o arquitecto Távora, obras que na altura tiveram grande importância, como por exemplo a Casa de Ofir, hoje infelizmente semi-destruída, é inacreditável. Desenhou-a em casa, com grande entusiasmo. É uma casa com dois núcleos, a sala de estar e cozinha e depois os quartos, ligados por um átrio de passagem, num esquema muito Bauhausiano.

Nos meus tempos de arranque, tinha então 25 anos, estava numa fase em que os candidatos a arquitectos estavam muito ligados a referências (...) e eu tinha esse entusiasmo. A formação de um arquitecto é ter não uma, não duas, não três, mas muitas referências até ao ponto de ficarem no subconsciente e aparecerem quando é preciso.*

*Excertos de uma conversa conduzida pelos arquitectos Luís Pereira Miguel e Rita Alves com o arquitecto Siza Vieira no seu atelier a 19 de Março 2013 sobre os seus primeiros passos na profissão.

A propósito de uns desenhos coloridos

Manuel Graça Dias

Acabei o curso de Arquitectura na antiga ESBAL, em 1977. Desde 1973 que dava aulas de Desenho no “Preparatório”, nunca tendo pegado nas *rottrings* que não para dar forma, vagamente rigorosa, aos encomendados trabalhos escolares.

O que eu gostava mesmo era de desenhar “livremente”; com lápis, com caneta, com cores, com o que tivesse à mão, coleccionando vistas, sobreposições, acidentes, deformações, insólitos bocados de arquitecturas existentes, cujos “alçados” esborrachava em planos avivados pela marcação profunda de sombras plausíveis.

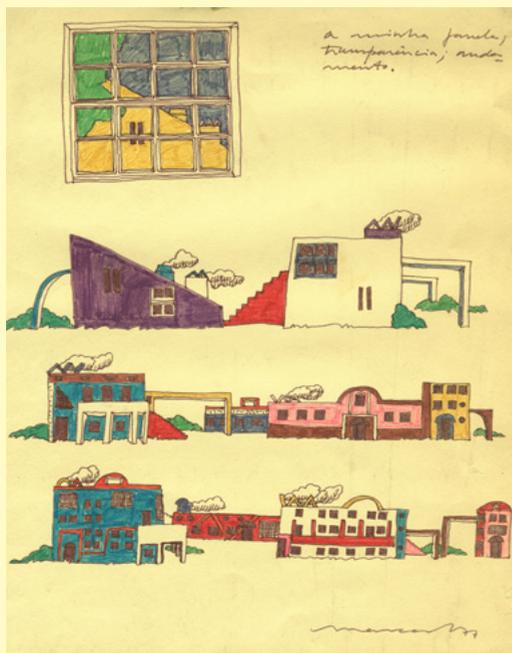
No último ano do curso, colocado fora de Lisboa, dividi as semanas, de comboio ou à boleia, entre a ESBAL e a Secundária de Alcanena.

O projecto final que *entendi* fazer (viviam-se anos de grande “liberdade” propositiva) foi uma casa para um colega de Educação Física que dizia gostar de vir a ter muitos filhos e se chamava Gregório. Aos penosos desenhos a 1:50 da Casa G, entendi então, juntar um caderno de folhas de papel cavalinho profusamente desenhadas e coloridas. A inspiração eram os furos do horário e os passeios pela pequeníssima Alcanena. Reproduzia ou recriava casas rurais alegradas com azulejos correntes, armazéns proto industriais zincados, esquerdos/direitos, Estado

Novo de província e marmorite, cunhais caiados, gradeamentos românticos por sobre planos grandes vernáculos.

Escrevi um texto de acompanhamento, questionando a hipótese de uma arquitectura simultaneamente erudita e popular. “Arq. POP, há?” assim se chamava.

Já então me começara a habituar a dar o meu trabalho à crítica de um recente ex-professor. Manuel Vicente tinha-nos garantido um “Semestre” de aulas no verão anterior, antes de se decidir a voltar para Macau. Mas apareceu entretanto, em Lisboa, umas vezes, e eu, que vivia perto do seu *atelier*, não perdi a oportunidade de lhe levar os exercícios para lhes compreender as limitações, os erros, os equívocos; também para confirmar intuições, suspeitas, hipóteses de lhe agradar, porque tinha gostado apaixonadamente das suas aulas; tinha, através das conversas e discussões críticas que provocou, retomado o gosto inicial pela arquitectura e ultrapassado o período de “nojo” e tecnocracia que



DEPOIMENTOS

a Escola, a partir do 2º ano (e já ia no 5º), me provocara; porque estava de novo decididíssimo a ser arquitecto, a fazer arquitectura, a entregar-me à arquitectura, a apreender os segredos do ofício, precisava de continuar a tê-lo como professor.

Como sempre depois, ao longo da nossa longa e amiga relação, não usou “pezinhos de lã” nas críticas; a Casa G foi violentamente questionada, a minha cabeça chocalhada de novo. Mas os desenhos, os muros de Alcanena, as casas texturadas atrás, os volumes tornados abstractos e ruidosamente coloridos que lhes mostrei, foram valorizados; aquela específica análise a que eu me dedicara, encorajada.

No outono de 1977 perdi a timidez e escrevi-lhe para Macau. Pedi-lhe para trabalhar no seu atelier. Creio que no Natal, em Lisboa, tivemos uma conversa. Muito por causa dos meus desenhos, achava-me indicado para um trabalho que propusera à Gulbenkian de “levantamento” do património construído de Macau.

Passou-me uma carta que me autorizava a reclamar na ESBAL os 20 “contos” que ainda lhe deviam das aulas de 1976 e, com esse valor (sei que agora são “só” 100,00, mas na época era bastante dinheiro), deveria comprar um bilhete na Air Índia e aparecer-lhe em Macau. Passou-me uma carta que me autorizava a reclamar na ESBAL os 20 “contos” que ainda lhe deviam das aulas de 1976 e, com esse valor (sei que agora são “só” 100,00 € mas na época era bastante dinheiro), deveria comprar um bilhete na Air Índia e aparecer-lhe em Macau.

Macau era uma cidade amável, muito densa e cheia de arquitecturas, tabuletas, ruas e becos surpreendentes. No atelier da Volong Kai, muito bonito e ainda em obras, António Noras, um desenhador experimentado que MV trouxera de Lisboa, comandava um disciplinado e simpático grupo de quatro ou cinco colaboradores chineses que com ele iam aprendendo as subtilezas do elaborar dos projectos. Eu olhava o fazer e a montagem do fazer.

Rapidamente estabeleci uma rotina: de manhã passeava pela cidade, metia o nariz em tudo, fotografava, desenhava, explorava lugares que o próprio MV desconhecia. À tarde, no atelier, ia trabalhando em pequenas “pontas” (fotografar uma maquete, ilustrar uma Memória Descritiva, procurar um processo nas “Obras Públicas”, regar a distribuição esquemática de uns fogos a partir de um qualquer esquisso cabalístico).

Assistia, também, às correcções que MV introduzia nos processos já iniciados: as folhas ligadas umas às outras com fita-cola, a “inversão” em fotocópia a partir do vegetal procurando diferentes possibilidades, a “pintura” a tinta branca correctora anulando linhas ou valorizando-as com a esferográfica ou lapiseira, as palavras que sublinhavam a razão de ser das opções; o assentimento que me pedia, lisonjeiramente, a mim, que muitas vezes não tinha sequer percebido o problema todo.

Estagiei e atrapalhei o atelier durante seis meses e trabalhei outros 18 depois, já com alguma segurança e capacidade de decisão

Os meses foram passando. Não podia concorrer, com a minha fraquíssima prática, com o escol de desenhadores chineses comandados por Noras, nem era para isso que tinha vindo para Macau; por outro lado, o jorro inventivo, a permanente motivação, a excitação das solicitações, a informada e determinada criatividade de MV, dispensavam qualquer colaboração.

Perguntava-me qual poderia ser o meu contributo, naquele espaço de enorme criatividade e poderosa produção; fui-me apercebendo quando MV estava mais “em esforço”; sobretudo quando tinha que escrever (as cópias, amontoavam-se dobradas, para Licenciamento, à espera da Memória Descritiva sempre adiada) ou perspectivar, em desenho, algum detalhe, uma ideia, uma hipótese, um estado, uma resposta. Desenhos que exigissem mais do que um rápido minuto, para MV, eram uma chatice. Preferia guardar as coisas na cabeça e descrevê-las através da sua alegre oralidade ou desenhá-las com os gestos das mãos ou dos exemplos, surpreendendo-nos pela exactidão precisa da metáfora surgida.

Comecei, então, a ensaiar pequenas escritas; ia desembrasando Memória Descritivas, ilustrava-as com fotomontagens, perspectivas dos ambientes imaginados, explicações mais extraordinárias que aquelas a que MV queria ter chegada.

A compreensão “literária” das razões da invenção e das opções arquitectónicas e urbanas dos sucessivos projectos do atelier, a partir de aí, foram o modo através do qual me aproximei da compreensão da arquitectura, foram o modo, quicá heterodoxo, de como me tornei arquitecto.

Depois, embora o *fetichismo* não me interessasse, também já meia com os pormenores que acompanhavam a Execução, já colaborava na sua simplificação, economia ou vontade de excesso. Já tomava o todo, primeiro, compreendendo as pontes que partiam do todo e a ele regressavam, iluminadas pelos significados renovados, reclamados ou tão só reunidos de modos diferentes.

Estagiei e atrapalhei o *atelier* durante seis meses e trabalhei outros 18, depois, já com alguma segurança e capacidade de decisão. MV tratou-me sempre como igual, com amizade e paciência (ainda que por vezes perdesse a paciência...). Quando me sentiu preparado, incentivou-me a partir. A amizade ficou, mais a vontade da crítica e reflexão comuns, desses nossos primeiros anos juntos.

[Atrás de mim, viaja alguém que nunca se cala nem surpreende. Sabe em que troços o comboio irá acelerar, quando chegará o mau cheiro “das celulosas”, quando irá aparecer a praia, qual a última “aplicação” que o autoriza fazer não sei o quê com o telemóvel. Um chato, um sabido, um personagem insuportável. Que falta me fazes, MV, para nos rirmos destes diálogos que mimávamos sérios, entre o Silva, lá do Banco e o Serra, comercial...]

Pensei que me tinha enganado no curso

José Mateus

Quando comecei a ir à obra, fiquei irremediavelmente fascinado pela beleza de uma construção em curso

No primeiro ano do curso de arquitectura, na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, ao tempo no Convento de São Francisco, aquilo de que mais gostava era do contacto diário com o Chiado, a Baixa, a zona histórica densa e cheia de vida. Mas, lembro-me bem da enorme decepção que tive com o curso. Sem entrar em detalhes a realidade é que passado o primeiro ano com alguma dificuldade, num contexto pouco motivador e aborrecido, pensei que me tinha enganado no curso.

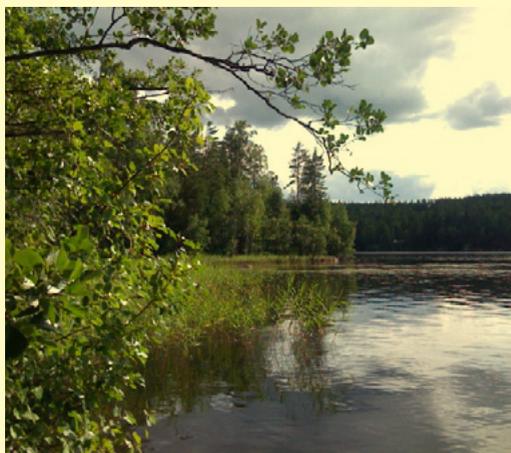
Se no 2º ano o cenário começou a melhorar, isso deve-se essencialmente ao facto de ter começado a trabalhar no atelier dos arquitectos António Pecegueiro e José Coimbra Neves na Rua de Sol ao Rato. Logo nos primeiros tempos de atelier tive acesso aos trabalhos mais distintos, desde ir à obra fazer um levantamento, fazer cópias ou colaborar no desenvolvimento de um projecto em curso. Era um atelier pequeno, muito bem organizado, onde discutíamos as coisas com entusiasmo. E, quando comecei a ir à obra, fiquei irremediavelmente fascinado pela beleza de uma construção em curso, com toda a dinâmica e mobilização de gente em torno de uma ideia. Foi ali que comecei a descobrir a realidade da profissão, e que, dado que trabalhava e estudava ao mesmo tempo, recuperei a confiança e adquiri uma destreza que contribuiu para uns anos seguintes muito bem sucedidos ao nível académico. Em abono da verdade, tenho que reconhecer que ali fui recuperado para a profissão.

Sobre a ideia de estágio, não posso deixar de referir uma curta experiência, anos mais tarde, no atelier do arquitecto Daniel Libeskind em Berlim. Se no Rato conheci a profissão e aprendi a amá-la, Berlim, num tempo em que o contexto arquitectónico português era profundamente conservador, ampliou radicalmente a minha percepção sobre as possibilidades contidas num projecto de arquitectura. Ali percebi que tinha, até então, uma ideia de arquitectura muito fechada. Foi uma espécie de revelação. Nessa passagem por Berlim, eu e o meu irmão decidimos fundar o atelier ARX Portugal, cuja actividade não parou mais até aos dias de hoje.



O estágio de Rui Alexandre

Presidente da Secção Regional Sul da Ordem dos Arquitectos



Não havia estágio na altura em que me inscrevi na então Associação dos Arquitectos Portugueses. Foi em 1987 ou 88, não me recordo bem... Particpei no Encontro de Estudantes de Arquitectura da Europa (EASA) que em 1987 se realizou em Helsínquia e após o encontro decidi procurar trabalho batendo à porta de gabinetes de arquitectura. Tinha seleccionado uns tantos através do directório da SAFA-Associação de Arquitectura Finlandeses. Conheci assim, vários gabinetes interessantes da época: Aalto (Elissa), Gullichsen, Komonen, Pietilä, Vormala e outros.

Quando bati à porta da A-Konsultit do casal Eric e Gunnel Adlercreutz fui aceite depois de um lanche com entrevista pelo meio. Não quiseram ver o meu portefólio explicando que tinham ficado satisfeitos com a troca de palavras sobre o meu entendimento da arquitectura.

Na realidade, mesmo numa altura em que o estágio não existia, os arquitectos, em início de actividade, acabavam sempre por passar por um processo semelhante ao estágio, mesmo não sendo obrigatório.

Quando estava a terminar o 5º ano, tive como professor de projecto o Manuel Graça Dias que me convidou para ir trabalhar com ele. Quando acabei o curso ainda estava a trabalhar com o MGD.

Três meses depois decidi ir para a Finlândia para trabalhar com o Arq. Eric Adlercruetz, um ex-colaborador do Alvar Aalto. Fiquei mais ou menos um ano.

Nunca tive grandes planos para o meu início de actividade profissional. Fui sempre à procura de oportunidades inseridas no “mundo” que me interessava.

Considero a minha aprendizagem e experiência de trabalho com o Eric Adlercruetz o meu estágio. Marcou muito a minha forma de ver e pensar arquitectura. Sempre tive afinidade com paisagens mais frias, com culturas do norte e, por associação, a sua arquitectura. Falar sobre o meu trabalho num gabinete de arquitectura em Helsínquia em 1987 significa voltar a pensar nas coisas como eram nesse tempo. Não existiam computadores, mas sim pranchas baixas, em cima de cavaletes, com régua paralelas e cadeiras, com assentos em madeira, do AA. O papel de esquisso era finlandês, muito fino mas resistente, em rolo, e cortava-se com a régua de escala conforme se desenrolava na mesa.

Logo no primeiro dia pediram-me para desenhar umas perspectivas rigorosas para o concurso. Entrei em pânico!

O gabinete estava no meio de um concurso para uma antiga área portuária (Ruoholahti) que o município queria transformar em zona de habitação. Logo no primeiro dia pediram-me para desenhar umas perspectivas rigorosas para o concurso. Entrei em pânico! Com fotografias da área, informação sobre a proposta do concurso e um compêndio de desenho não tive alternativa a não ser safar-me! Acho que me saí bem...

O dia de trabalho começava às 7h30 com uma hora para almoçar e um lanche às 16h. No Inverno só havia um clarão ténue para marcar o dia das 10h30 às 15h30, o resto do tempo era noite cerrada. Às 16h tínhamos todos que parar para conversar e comer um belo lanche com café (os finlandeses são fãs de um bom café), chá, sanduíches e bolos de uma das melhores pastelarias de Helsínquia a Ekberg.

O trabalho era muito rigoroso e ao pormenor, mas também me davam oportunidade para ficar a admirar o arquitecto Hasse Hägerström a elaborar a pormenorização para o projecto do Instituto de Música de Lappeenranta no correr do lápis e a preencher as folhas como se de banda desenhada se tratasse. Mais tarde, também tive o prazer de trabalhar com ele. As reuniões com engenheiros e designers de interiores colaboradores nos projectos eram frequentes e consideradas importantes desde o início de todo o processo.

O dia era sempre de azáfama.

O estágio de Luís Pereira Miguel

Presidente do Conselho Regional de Admissão do Sul

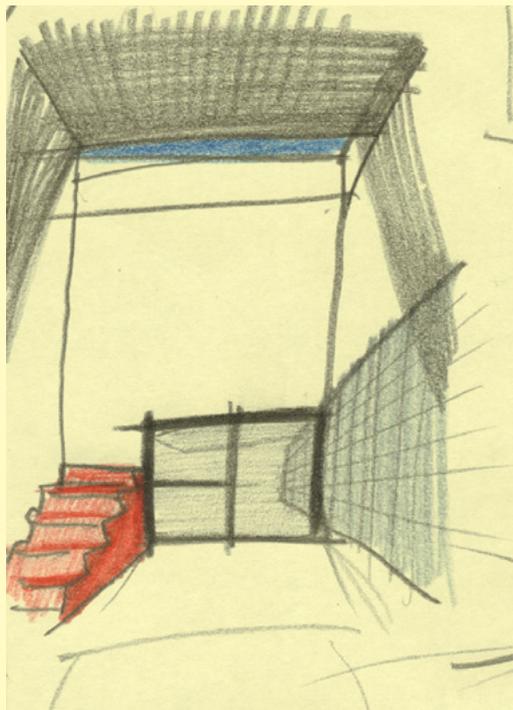
Fiz o meu estágio com o arquitecto Eduardo Trigo de Sousa. Estava a começar o terceiro ano da faculdade e um bocado desiludido com o ensino. Queria trabalhar, ver como as coisas aconteciam, e sobretudo aprender. A minha mãe conhecia-o, eram primos afastados, lá ligou para lhe pedir o favor de me receber.

Quando nos encontramos, pedi-lhe para trabalhar duas a três tardes por semana. Riu-se, com aquela sabedoria de muitos anos, dizendo: vens todos os dias, depois das aulas e começa amanhã.

E assim foi, durante todo o ano lá estive, fazendo de tudo. Entre as minhas obrigações estava a compra de cigarros, aos volumes, que ia buscar à papelaria da esquina uma a duas vezes por semana. Entre cigarros vinham as conversas, que eu absorvia com genuíno interesse. Falávamos de tudo, dos projectos e dos edifícios, dos colegas ilustres, das peripécias de uma vida de trabalho entre papéis enrolados pelo pó e o odor do tabaco.

Aprendi muito nesse ano e recordo-o amiúde, assim como a memória dessa grande pessoa. Ficou-me esta ideia da profissão que não se esgota no trabalho técnico, mas que percorre fronteiras, épocas e idades.

Passaram-se 18 anos, cada um fez o seu caminho e parte do meu devo-o a ele.



*eles contam
a sua história*

José Adrião, Ricardo Paulino e João Ferrão



José Adrião, Ricardo Paulino (Forstudio) e João Ferrão (Extrastudio) estiveram no COA – Café da Ordem dos Arquitectos, no dia 21 de Março, para contar as histórias dos

seus estágios. O encontro pretendeu dar a conhecer, na primeira pessoa, os episódios vividos por estes arquitectos quando davam os primeiros passos na profissão

JOSÉ ADRIÃO

Era ainda estudante quando fui para o Porto porque queria uma coisa melhor, queria conhecer o Souto de Moura. Quando o conheci perguntei-lhe se podia ser aluno dele, naquela altura não havia transferências, estamos a falar de uma altura em que só havia duas universidades e as transferências eram mais do Porto para Lisboa, porque Lisboa era mais fácil e pior. A vantagem de não haver quase transferências de Lisboa para o Porto era que não se ficava colocado em nenhuma turma, escolhia-se onde se queria ficar.



Fiz no Porto o 3º e 4º anos depois parei para trabalhar na Suíça e depois Londres durante um ano, regresssei à FAUP para fazer o 6º ano que era um período de estágio dentro da universidade que podia ser feito em diferentes condições: houve pessoas que optaram por fazer estágios no estrangeiro, e eu já tinha feito algumas viagens antes e adorava Barcelona, na altura bastante diferente do que é agora.



Lembro-me que houve um ciclo de conferências organizado pelo Souto de Moura e José Paulo dos Santos chamado O Discurso da Arquitectura onde foi um arquitecto de Barcelona, o Josep Llinàs, e eu gostei da conferência dele, dos projectos dele e da forma como colocava as questões. No final da conferência perguntei-lhe se ele estava interessado num estagiário e ele disse que sim, talvez, que depois falasse com

ele. De modo que quando acabei o 5º ano fui falar com o Souto Moura e perguntei-lhe se ele queria ser o meu tutor do estágio e que gostaria de ir para Barcelona trabalhar com o José Llinàs. Ele disse "Claro, eu faço já um telefonema". E foi o que ele fez, pegou no telefone e perguntou ao Josep Llinàs se estava interessado em receber lá um aluno dele e foi assim que aconteceu.

O Pedro Pacheco, que na altura era meu colega, ficou animado com a ideia, acabamos por ir os dois para Barcelona com o Souto de Moura como nosso tutor. Fomos ter uma conversa com o Josep Llinàs e passados uns tempos estávamos lá a trabalhar com ele.

Na altura Barcelona não era de todo o que é hoje, era uma cidade muito mais agreste e isso dava-lhe imenso encanto. Estive lá em 1990, assistimos àquela coisa da cidade estar a preparar-se para os jogos olímpicos, da cidade estar a preparar a linha de praias ao longo do passeio marítimo novo, a Barceloneta era uma zona totalmente industrial como a Expo antes da Expo 98. Era um ambiente muito interessante bastante decadente, Barcelona era muito decadente. Vivemos lá durante quase um ano numa casa pequeníssima ao pé de Santa Maria del Mar.



O atelier era pequeno, cinco ou seis pessoas. Lembro-me que estivemos a trabalhar na recuperação de um teatro, o Metropol em Tarragona, do Jujol (Josep Maria), fomos muitas vezes com o Llinàs à obra. Tinha havido muitas intervenções no teatro ao longo dos tempos e foi preciso retirar o que havia para descobrir a intervenção do Jujol, um arquitecto modernista do princípio do século em Barcelona que fazia muitas inscrições à mão nos estuques, aquilo foi um trabalho de descoberta muito interessante.

Quando nós fomos à primeira entrevista, o arquitecto perguntou: “Vocês são uns magos a fazer perspectivas porque vocês são do Porto, certo?” e o Pedro respondeu “Si, si, por supuesto” e não éramos nada, e eu pensei “ que asneira”. Claro que o Llinàs pôs-nos a fazer perspectivas e aquilo foi um desastre.

Acho que numa das coisas que aprendi com esta experiência foi muito a forma como ele estava no atelier e a dinâmica do atelier. Tinha horários muito fixos, entrava-se e saía-se sempre à mesma hora, **NUNCA** trabalhei aos fins de semana, era proibido ir ao atelier ao fim de semana, nunca se fazia directas, o trabalho era muito organizado de forma a respeitar os horários dos colaboradores. Ele sabia que as pessoas têm a sua vida, isto é uma coisa que tento fazer no meu atelier. Isso claramente aprendi com essa experiência de Barcelona.

RICARDO PAULINO

Nos anos 90 quando o José Adrião estava em Barcelona eu estava na 2ª classe. Também trabalhei em Espanha, Madrid no meu caso e o processo até chegar lá foi diferente: estava no 4º ano e comecei a preparar o portfolio cheio de inveja de quem estava no Erasmus. Eu também queria sair e em conversa com o Telmo Cruz e a Maximina Almeida com quem mais tarde vim a trabalhar, eles perguntaram-me: “Queres ir para Espanha? Há um tipo incrível que é o Antón García



Abril, (que eu então não conhecia) vê e manda-lhe um currículo”. Mandei um currículo e ele disse que aceitava e que pagava 600 euros ao estagiário, o que dava para viver pelo menos. E lá fui. Era tudo incrível, ele fazia tudo aquilo que eu tinha aprendido a não fazer, que era deixar as pedras todas em bruto, trabalhar com aquela ideia de massa e vigas.

Fui à descoberta, pensei: “vou para Madrid, para uma cidade mais cosmopolita e ainda por cima pagam-me”. Depois arrependi-me milhões de vezes de ele estar a pagar, porque ele todos os dias mo lembrava... Depois estagiei lá, e como vai acontecer com vocês, estagiei noutro sitio e depois noutro, fiz mais ou menos 3 estágios mas foi um período super-rico. Quando cheguei éramos sete e no verão a seguir entraram mais 12 ou 13 colaboradores, estávamos em 2008 e ele tinha muitas encomendas.



Tínhamos pouco espaço, vinha um de cada país, mexicanos, italianos, espanhóis, havia o ensamble oficial e o ensamble underground, que éramos nós. Trabalhávamos das oito e meia até as coisas estarem prontas.

Houve uma altura em que trabalhei dias seguidos, cheguei a trabalhar 16 horas por dia, houve 3 ou 4 dias em que fiz 24 horas, e ele cobrava na mesma.

Esse estágio no Anton foi uma experiência super-rica, ele tratava-nos de igual para igual, era um tipo super honesto na forma como tratava os estagiários. Também foi negativo porque perdi o meu pai, depois tive de voltar, mas ele voltou a readmitir-me quase um ano depois.

Quando vim para Lisboa foi para aprender quase tudo o que sei com o Telmo Cruz, estive lá dois anos super intensos e aprendi muito, muito, muito do que sei do que é um atelier, como gerir um atelier aprendi com o Telmo que é o tipo mais organizado que existe.

JOÃO FERRÃO

Quando acabei a Faculdade de Arquitectura fui fazer Erasmus na Alemanha, em Aachen onde nasceu o Mies (ver der Rohe), na altura achei que aquilo ia ser espectacular, mas não foi.

A Faculdade de Arquitectura não estava na altura a passar uma boa fase, o Manuel Mateus tinha saído, o Graça Dias também, eu nunca tive professores espectaculares, e pensei "vou direito a um sítio que seja super-rígido e que seja o contrário de Lisboa" e não foi nada disso.

Quando voltei para acabar a faculdade não fazia a menor ideia como fazer um portfolio. Todos os meus colegas já tinham entretanto arranjado estágio, tinham chegado antes e estava tudo muito mais simplificado e entretanto o João Ribeiro, agora meu sócio, fez um portfolio muito rapidamente passou-o a várias pessoas, inclusive a mim. Com base naquele, fizemos outros portfolios, eu demorei imenso tempo a fazer, na altura praticamente não havia computadores.

Entretanto o João (Costa Ribeiro) candidatou-se a uma vaga no OMA em Roterdão e ligou-me a dizer que o Rem Koolhaas vinha dar uma conferência ao Porto. Eu nunca o tinha visto em público e na altura, em 1999, não era tão fácil apercebermo-nos do que estes arquitectos andavam a fazer, ia-se por uma questão de filiação mais do que por outra coisa.

A conferência foi espectacular, fiquei completamente rendido e achava que o João estava a trabalhar no melhor sítio do mundo, por isso mandei o meu portfolio para lá. Passado algum tempo responderam. Eu mandei, ao todo, talvez cinco portfolios, para o OMA, para o Herzog, para a Sejima, que nunca respondeu.



Depois da experiência fatal na Alemanha eu pensei “eu vou direito ao que for melhor” até porque não conhecia arquitectos em Portugal, não havia relação com os professores que permitisse achar que queríamos trabalhar com eles, pensei, “é tudo ou nada, se me quiserem receber querem, se não querem, era só o dinheiro dos portfolios que ia à vida”.

E em Roterdão fui a uma entrevista no OMA ao meio-dia, e eles perguntaram-me “queres começar já?” e eu disse “Já, tipo amanhã?” e eles “não, já, já”. O atelier tinha na altura 60 pessoas, passadas duas semanas, responderam-me do Herzog a dizer que tinham uma vaga para mim em Outubro, seis meses depois. Se eu não fizesse férias, voava de um lado para o outro. Mas ao mesmo tempo tinha receio por isso fui ter com BIG (Bjarke Ingels) que era colega de João noutro projecto, e ele disse-me: “só tenho 3 palavras para ti: nine to five”.

Quando comecei a trapalhar fiquei pasmado, achava abstruso que me pagassem para fazer o que estava a fazer, trabalhávamos bastante, mas era viciante.

Portanto estive seis meses ali e saí a tempo, era espectacular e valeu a pena. Acabei por aceitar o estágio na Suíça, comecei a trabalhar em Basileia, fiz lá estágio de um ano.

Foi um bocado surreal, porque eu já tinha acabado o curso na altura e os outros estagiários estavam no 3º, 4º ano, eu achava aquilo indigno, se bem

que me pagavam bem. Éramos um 60 quando entrei, quando sai éramos perto de 200.

A coisa que sinto mais falta são os vários tipos de pessoas diferentes, dos vários países, a relação com outras pessoas era alucinante, a linguagem, a comunicação, há milhares de lições para a vida que retiro de pessoas espectaculares que encontrei ali.

Na Suíça fiquei mais uma série de anos, quando cheguei trabalhava-se das nove às sete, pausas de manhã e à tarde, qualidade de vida espectacular. Mas eu tinha 25 anos na altura, era o mais novo do atelier e não tinha interesse nenhum em ter qualidade de vida.



prémio

Uma Breve Nota

Luis Pereira Miguel

Não é escusado dizer que o futuro da profissão está nos jovens que todos os anos desbravam caminhos e fronteiras à procura do seu percurso. Uns em Portugal, outros no estrangeiro, assiste-se a uma grande expansão de actividades arquitectónicas que obrigatoriamente se revertem em influências e práticas muito distintas. Todas elas formam um leque de oportunidades que se vislumbram apenas quando as conhecemos através destes relatos.

Quem quiser perceber a dinâmica da profissão hoje, assim como no futuro, terá de olhar para estes estágios com a atenção merecida. Aqui está a nossa arquitectura de amanhã e no futuro essas raízes estarão aqui.

Desde que iniciámos este prémio, a 16 de Fevereiro de 2013, desenvolvemos um blogue que permitiu exponenciar a visibilidade desta iniciativa. Em pouco tempo tivemos mais de 20000 visitas, reunimos relatos de grandes arquitectos da nossa praça, obtivemos apoios, gerámos interesse da comunidade intelectual e artística e conseguimos a atenção dos media, com reportagens na TSF, RTP e P3, entre outros. Tudo isto foi feito com uma equipe pequena mas com muita vontade e entusiasmo. Pessoas que acreditaram que vale a pena trabalhar na criação de valor e viraram costas à burocracia que nos prende a vida e nos limita. Esperamos que este seja o primeiro de muitos prémios, que estes possam ser cada vez mais atractivos e importantes não só para os arquitectos mas também para o público em geral. Ficam para já as histórias de quem achou que valia a pena.

Um estágio em Portugal, e no mundo com Álvaro Siza

Ana Silva nasceu em Castelo Branco, em 1983. Em 2007, licenciou-se em Arquitectura pela Universidade de Évora. Em 2006, inicia o Estágio Académico nos Ateliers de Santa Catarina, em Lisboa, com as arquitectas Catarina e Rita Almada Negreiros. Paralelamente, colabora com o designer de moda Filipe Faisca. E com o arquitecto João Rocha, num projecto de investigação relativo à análise morfológica da Medina de Marrakech.

Em 2007, recebe o Prémio Secil Universidades 2006, com o projecto final de curso, *hammam*, no Jardim de Diana em Évora. No mesmo ano, inicia o Estágio de admissão à Ordem dos Arquitectos, no Atelier Álvaro Siza 2 – Arquitecto, S.A., no Porto, com o arquitecto Álvaro Siza Vieira, com quem colabora até hoje. Actualmente, aqui coordena alguns projectos, entre os quais, a obra em curso do Museu-Oficina de Artes Manuel Cargaleiro, no Seixal. Desde o início da sua activi-

dade profissional, tem desenvolvido em paralelo, alguns projectos pessoais e participado em alguns concursos, sendo que dos últimos resultaram, o 2º lugar no *Concurso para a Requalificação dos Moinhos das Ribeiras de Alferreira e das Barrocas*, no Gavião, em Portugal, e mais recentemente, o 1º lugar no *Concurso Zero Net Energy Architecture* (em co-autoria), com o projecto de uma residência de estudantes, no *campus* universitário de Merced, na Califórnia.

INTRODUÇÃO

O período de estágio é das etapas mais marcantes na vida de um arquitecto. Interfere não só na sua prestação enquanto futuro profissional, mas também no seu dia-a-dia, enquanto ser humano. Formam-se princípios.

Tudo o que decorre neste período, reflectir-se-á depois do seu termino, de forma mais, ou menos intensa. As boas experiências incentivam a prática da profissão, as más repudiam-na. Hoje a vida de um arquitecto não é fácil.

É um período em que existe total disponibilidade para aprender e por isso, talvez a capacidade de absorção seja maior. Sentimo-nos no entanto, menos confiantes, e conscientes que a probabilidade de falhar é grande.

Este período foi para mim um dos mais ricos. Considero-o por isso Um Estágio em Portugal, e no Mundo.

Contar a sua história, implica também, expor a forma como o consegui. E porque não devemos deixar de registar, de uma ou de outra forma, os acontecimentos que consideramos importantes na nossa vida, vou novamente, aproveitar uma oportunidade.

COMO?

No dia 30 de Março de 2007, foi entregue a Álvaro Siza, o Prémio Secil Arquitectura 2006, pelo projecto do Complexo Desportivo Ribera Serrallo, em Cornellá de Llobregat, Barcelona. Nessa mesma edição, foi-me atribuído o Prémio Secil Universidades 2006, com o projecto de um *hammam*^{*}, no Jardim de Diana, em Évora. Terminava então o Estágio Académico nos Ateliers de Santa Catarina, com as Arquitectas Rita e Catarina Almada Negreiros.

Algumas oportunidades são únicas e por isso, é necessário que não as desperdicemos. Foi este o argumento utilizado pelas irmãs, que fez com que

nesse dia entregasse pessoalmente o meu portfólio ao que é, para mim, um dos melhores arquitectos do mundo – Álvaro Siza.

– Tens de organizar o teu portfólio num formato pequeno, de forma a que lhe caiba no bolso! – Dizem animadas.

la assim tentar a minha sorte, numa situação que me favorecia, em relação aos autores das dezenas de portfólios que diariamente chegavam ao seu escritório. Mas não estava confiante, e nem tão pouco esperava que esse contexto fosse valorizado.

Nos meses seguintes, tentei contactar Siza vezes sem conta, mas sem sucesso. Mas não podia desistir sem um Não.

Estava em Évora quando finalmente conseguiu. Tal como esperava, Siza não tinha analisado ainda o trabalho que lhe entregara e por isso, simulei uma viagem ao Porto, na tentativa de que, assim, me recebesse.

– No próximo fim-de-semana vou estar pelo Porto, por acaso tem uns minutinhos para me receber? Assim arrumávamos logo o assunto – Disse eu.

– Assim quem fica arrumado sou eu. Tenho o fim-de-semana já praticamente ocupado. Só se for no sábado ao meio-dia!?

Assim foi no dia 9 de Junho de 2007.

Quando cheguei, fui convidada a entrar para a sua sala de trabalho, onde decorria uma reunião com um dos seus mais antigos colaboradores. Nesse momento, senti-me deslocada.

Iniciamos uma conversa agradável e a pouco e pouco fui ficando mais tranquila. Surpreendia-me a sua calma, simplicidade e acima de tudo a sua disponibilidade.

Tinha comigo alguns projectos académicos, entre os quais o *hammam*, em painéis A1 enrolados, os mesmos que tinha entregue para a candidatura ao prémio. Independentemente do resulta-

do da conversa, não pretendia cansá-lo, nem ocupar demasiado o seu tempo. Precioso!

– Muito interessante... ainda tenho uma vaga para ti, mas apenas para Outubro. – Diz Siza.

Incrédula, agradecei.

A INTEGRAÇÃO

Mudei-me para o Porto. No dia 1 de Outubro – o meu primeiro dia de trabalho – enquanto caminhava para o escritório, sentia uma euforia tímida e silenciosa e continuava a achar que tudo aquilo não passava de um sonho. Senti o mesmo todos os dias durante os primeiros meses.

Cheguei. – Bem-vinda. Diz Siza. Fui pacientemente integrada pela Cristina, que trabalhava ali há quase vinte anos. O coordenador do projecto em que eu ia colaborar não se encontrava nesse dia.

Nessa altura trabalhavam ali cerca de trinta pessoas, num ambiente estimulante e simpático, num espaço magnífico com uma vista deslumbrante sobre o Rio Douro e a Ponte da Arrábida, notável obra de engenharia, projectada nos anos 60, pelo Engenheiro Edgar Cardoso.

Foi-me então dado a conhecer, o trabalho que me viria a ocupar durante os três anos seguintes. Integrado no conjunto de projectos a desenvolver, no âmbito da recuperação dos Parques de Vidago e Pedras Salgadas, o Vidago Palace Hotel constituía-se como o edifício mais emblemático. Foi-me incumbida a tarefa de apoiar Carlos, o coordenador do projecto, na recuperação deste Hotel e sua ampliação em dois edifícios: as Cozinhas e o Spa. A obra iniciara.

Desconhecia o conteúdo da fase de acompanhamento de obra, e mesmo assim receava não conseguir responder à altura, às tarefas que me fossem atribuídas. Tratava-se de uma obra delicada,

composta por três edifícios de grandes dimensões, com programas complementares, mas funcionalmente distintos. Talvez fosse demasiado trabalho para duas pessoas, em que uma delas (eu) não iria contribuir certamente para o avanço do trabalho.

O PROJECTO

O centenário Parque Termal de Vidago, situa-se em Vidago, em Trás-os-Montes – o “Reino Maravilhoso” de Miguel Torga. Ocupa uma vasta área de 40 hectares de paisagem, e acolhe um conjunto de edifícios de tipologias e funcionalidades diversas, que o enriquecem.

Do conjunto das intervenções em curso, destacava-se a reabilitação do Vidago Palace Hotel, com vista à sua elevação à categoria de cinco estrelas; a construção de um SPA; a recuperação do Clubhouse; da Fonte Salus e das Fontes de Vidago; e a construção de uma portaria. Existiam no entanto outros projectos, que por vários motivos, nunca chegaram a sair do papel. São eles: o Núcleo Rural – apartamentos turísticos e residência de artistas; a Academia de Golfe; o edifício da manutenção; o Espaço Serralves – espaço cultural expositivo e de criação permanente, resultante do protocolo celebrado com a Fundação de Serralves; e as Casas do Golfe – moradias turísticas.

Estes projectos estavam divididos por várias equipas. A maior parte delas era apenas constituída por duas pessoas – um coordenador e um estagiário ou outro colaborador menos experiente. Mais de 50% dos colaboradores de Siza, trabalhavam nesta altura, nos Parques de Vidago e Pedras Salgadas. Vidago Palace Hotel é uma obra neo-romântica e é o coração do Parque de Vidago. Foi projectado pelo arquitecto Ventura Terra e a sua construção teve início em 1908. Em 1910, foi inaugurado e caracterizado à época, como um dos hotéis mais

vanguardistas da Europa. A sua imagem recuperava os grandes palácios românticos. Em 1995, sofreu uma intervenção que desfavoreceu o edifício.

Neste contexto, e tendo em conta as exigências programáticas exigidas, a intervenção de Siza, consistia em refazer quase todo o interior do edifício, conferindo-lhe de novo o seu carácter, com excepção do seu núcleo central que se encontrava praticamente intacto e que, por isso, iria apenas ser alvo de obras de restauro.

Como apoio ao restaurante aqui integrado, estava também prevista a construção de um Edifício de Cozinhas agregado ao Hotel.

Para além disso, pretendia-se ainda a construção de um SPA, com ligação directa ao Hotel. A sua complexidade programática e consequentemente técnica, aliava saúde e lazer, no usufruto das águas termais.

Actualmente em funcionamento, o edifício é composto por dois pisos e contempla: dez salas de tratamentos individuais; duas salas de tratamentos para casais; duas salas de beleza; duas salas de relaxamento; duas salas de hidromassagem; uma sala de jacto de água; dois vichys; uma sauna; um banho turco; ginásio; bar interior e outro exterior; uma piscina interior; três piscinas exteriores, uma das quais aquecida; balneários; e todos os restantes espaços necessários ao bom funcionamento do edifício.

A COLABORAÇÃO

Comecei por estudar o projecto. Apenas no dia seguinte me iam ser destinadas tarefas.

Estava pela primeira vez perante um projecto de execução daquelas dimensões. Tudo tinha regras. E por indefinição, o que não tinha, viria a ter. A execução não estava completamente fe-

chada, pois o prazo para a sua entrega tinha sido curto. Nos primeiros tempos elaborei várias maquetes a todas as escalas, que permitiam a Siza estudar partes do projecto. – A seguir há-de vir qualquer coisa mais interessante. – Dizia Siza. Mas naquele momento, o que poderia ser mais interessante que entender, “construindo” a três dimensões, os espaços constituintes do projecto?

Passei depois para a produção de desenhos de execução. Senti-me completamente perdida. Eram demasiadas camadas abaixo da de acabamento. Os remates entre elas pareciam-me caóticos, mas coerentes. Nessa altura pensei que não iria poder ajudar, por não saber o suficiente. Mas depressa concluí que o procedimento inerente à procura de soluções, face ao confronto com problemas reais, constitui um processo de aprendizagem eficaz.

– Avança com o parcial da piscina das crianças – Dizia Carlos.

Perguntei, cruzei desenhos parciais e pormenores do projecto, referências de outros, projectos de especialidades, informação técnica de materiais e mais... Cometi erros e fiz correcções, sempre amparada pela persistência de Carlos, que na altura temia, mas a quem agora tanto agradeço.

Por seu incentivo, trabalhei algumas vezes sob a coordenação directa de Siza, que antecipava todas as direcções do projecto, relativamente à forma, composição e materiais. De seguida eu estudava e desenhava. Entre desenhos e maquetes, este processo repetia-se vezes sem conta, até que Siza chegasse à solução final. Recordo que, numa dessas vezes elaborei a seu pedido, uma maquete à escala 1/2, da parte superior de um caixilho exterior de correr/ fixo, de forma a facilitar a resolução dos problemas que apresentava. Tinha aí as respostas a alguns porquês. Tudo é dese-

nhado até ao mais pequeno pormenor. As regras nascem de princípios estéticos e/ou de pressupostos inerentes à boa construção.

– Quem disse *God is in the details?! –* Murmura Siza tantas vezes.

Trata-se claramente de uma obsessão. E é contagiante.

A propósito, Siza escreve em 1999: *Desenho de pormenor (detalhe, do francês déteíl)*

Os pormenores difíceis cansam-se. Definitivamente cansam-se, enquanto tentam cansar-nos, na ânsia de escapar.

A obra surge e atira-nos à cara o rosto do cansaço. Emudecem, ou emergem gritando, desafiando a acalmia dos desejos.

Quando nos é permitido, em domingos desertos, percorremos a obra, como quem percorre o que lhe é alheio, vadio inconsciente de procura até ao encontro.

A construção é quase igual a uma ruína.

Se algo do entusiasmo inicial reaparece, então a obra torna-se ruína de um palácio.

Estudamo-la. É possível recuperar.

Descobrimos tecidos soffredores, raízes do desenho degradado. Podemos isolar fragmentos, pois vamos aprendendo de que coisa são fragmento, se tudo corre menos mal.

Desenhamos. Redesenhamos. Povoa-mos o vazio de imagens possíveis – uma, duas, trezentas. Caem corpos de imagens virtuais.

É então que os pormenores difíceis se cansam, e um a um se entregam, deixando de ser um.

A ruína – a construção – sara. A paz regressa à Terra, a menos que...

A PRIMEIRA VISITA À OBRA

Chegou finalmente o dia em que ia à obra. E com Siza.

Registei esse dia como memória e apontamentos de trabalho. Transcrevo de seguida alguns excertos.

Porto, 4 de Novembro de 2007

Após um mês de trabalho intensivo, no projecto do Parque de Vidago, surgiu finalmente a oportunidade de visitar a obra. E com Siza. Hoje, foi um daqueles dias em que mais vale não falar e para não esquecer, escrever!

A reunião estava agendada para as 10 horas. A hora de avanço com que chegamos, valeu uma visita guiada ao Parque, com o qual até então, me sentia apenas familiarizada a duas dimensões. O sol radioso delineava as cumeeiras.

Uma hora depois reunimos no edifício de congressos, onde Siza já se encontrava. Enquanto esperava, esquiava e resolvia problemas do projecto de recuperação da Casa de Chá, do Parque de Pedras Salgadas. [...]

Organizou-se então o percurso de carro em torno do Palace, poupando Siza a grandes caminhadas. Independentemente disso, era normal que no final de um dia de trabalho, se acabasse por demonstrar mais resistente que todos os outros intervenientes juntos. [...]

Bem disposto, de caneta ou lápis numa mão e cigarro na outra, Siza pedia desenhos específicos. Pensativo, tranquilo e simultaneamente entusiasmado, ia caminhando e ditando os princípios, que iriam originar futuras alterações e ajustes ao projecto. Eu registava e fotografava.

É necessário investigar, qual teria sido a cor original do edifício, pois pretendia mantê-la. Pensa-se que essa cor foi também utilizada numa habitação privada em Vidago, para além disso, existe ainda uma fotografia a cores de uma caçada junto ao Hotel. São no entanto, imprescindíveis as sondagens. [...]

Siza deu indicações para proceder ao levantamento de alguns alçados interiores e arcos aparentes no piso inferior do Hotel, de forma a possibilitar a realocação de paredes divisórias e vãos corresponden-

tes. O rebaixamento dos tectos, devido à existência de condutas de ar condicionado, iria dificultar a manutenção da linguagem original das vistas interiores. [...]

Prever e prevenir alterações de vãos existentes. Diagnosticar a viabilidade da reabertura de alguns vãos exteriores, que actualmente se encontram fechados. Detalhar dimensões exactas dos vãos à direita e rever abertura dos vãos à esquerda. Apontavam-se as prioridades para o dia seguinte no escritório.

A última intervenção no edifício tinha-o deturpado em certa medida. A recuperação foi feita à base de gesso cartonado. Os pavimentos apresentavam vários desníveis. E para além disso, foram valorizados alguns elementos sem qualquer valor aparente.

– A certa altura e a meio do processo chatearam-se com o arquitecto. – Alguém refere.

– Se calhar vai acontecer outra vez o mesmo – Diz Siza rindo.

Continuamos o percurso pelo interior do edifício. Sentia o peso esmagador das paredes exteriores com cerca de 17 metros de altura. A forma como estavam suportadas, causava a impressão de que uma brisa as poderia derrubar. Constatava-se o admirável estado em que o edifício se encontrava.

– Parece o Chiado há uns anos atrás – Lembra Siza.

Já no exterior e após o atravessamento de todo o piso inferior do Palace, chegamos ao SPA. Siza aprecia as árvores ali existentes. Agrada-lhe especialmente o pinheiro ao fundo, envolvido por uma hera. Ia integrá-lo na piscina das crianças. É necessário analisar depois em maquete esta piscina. Os remates dos muros com o terreno e respectivas inclinações. Talvez seja necessário subir a cota dos muros em pontos específicos, aquando da intercepção com o terreno.

Analisa-se a curvatura da rampa que acede à piscina exterior e a ligação ao Ho-

tel, que em breve poderá já ser contemplada, e o vão em que é feita a transição entre edifícios que deverá ser redimensionado. O seu aumento, conforme Siza pretende, irá criar problemas estruturais na amarração da laje de cobertura adjacente. Era urgente confirmar se a implantação desta ligação coincidia com esse vão. Carlos garantia no entanto, que o lançamento da obra do SPA tinha tido como ponto de partida, o momento em que este tocava o Hotel.

Tudo funciona. Não é duro, nem rígido. [...]

O muro existente de contenção de terras, implantado ao acaso é reprovado por Siza.

– O que é construído é geométrico. – Afirma. [...]

Siza foi confrontado com uma dúvida referente à manutenção de dois plátanos existentes. O facto de não estarem representados no levantamento topográfico, tinha feito com que o projecto se estendesse naquele sentido. Tenciona transplantá-los.

– Se vão abaixo, no dia seguinte já está no jornal. E se calhar é o Senhor que põe no jornal. – Diz rindo para o engenheiro agro-florestal.

Estava ainda perturbado com as acusações injustas que lhe tinham sido dirigidas pela baronesa Carmen Thyssen, no âmbito do projecto do novo eixo Prado-Recoletos, em Madrid. [...]

Voltamos ao Palace. O maço de cigarros termina. – Bem... terminou a visita à obra! – Brinca. Alguém se desloca imediatamente ao café mais próximo, para comprar mais um. Com a testa encostada ao vidro olha para baixo, para a entrada do Palace e continua.

– Tudo em saibro, tirar o empedrado, lajeado nas duas entradas em baixo, heras e camélias.

Dá-se conta, de um problema de desenho na ligação superior do edifício das cozinhas ao Hotel, em frente à Sala do Charuto. Siza considera-a A sua Sala.

– *Esta vai ser a minha sala quando eu cá vier. – Diz.[...]*

Deverá ser usada telha tradicional, sem patine artificial, pois pretende-se que esta possa surgir naturalmente, integrando o edifício na natureza envolvente e protegendo-o, simultaneamente.

De volta ao centro de congressos, analisa-se a documentação recolhida em alfarrabistas de Lisboa. Nos calendários das águas de Vidago e Pedras Salgadas, o Palace figura, maioritariamente das vezes como fundo. Discutem-se cores, envolventes, texturas. E Siza resume as necessidades. [...]

À saída do Parque passamos pela casa pintada da cor do Palace. Era claramente da sua “família” – a mesma cor, o mesmo coroaamento. Por coincidência, o seu proprietário estava por perto. Conduzia as obras em curso de recuperação. Emocionado por estar junto a Siza, explicava-lhe que a sua intenção era respeitar a traça original da casa. Siza congratulou-o. Eram duas casas geminadas. A que estava a ser recuperada mantinha aparentemente o seu estado original, a outra sofrera já alterações. A caixilharia em pvc, imitava madeira. A cor original tinha sido substituída por uma cor florecente, devido à dificuldade sentida na sua reprodução, pois era composta por um pigmento integrado na argamassa, da qual recolhemos uma amostra. Siza é convidado a entrar.

Constatei a relevância do contacto entre o arquitecto e a população, que normalmente pode testemunhar o que com o tempo se desvaneceu, e descrever pormenorizadamente a realidade do contexto em que a obra se insere, que na maior parte das vezes, é dificilmente desvendada pelo arquitecto.

Eram 16:30h quando almoçamos. Normalmente, Siza prefere não o fazer.

Durante o almoço, falava-se da série espanhola Los jinetes del alba, com algumas cenas rodadas no Palace, em 1989, com Victoria Abril no papel principal.

– *Lindíssima. – Comenta Siza.*

No regresso ao Porto dormiu, cantou como sempre canta quando está feliz, fudou.

Boa noite e obrigada pela aula.

NO FINAL, COMEÇAVA

Foram longos os meses de trabalho. Os dias alternavam-se entre os projectos de execução do SPA e da recuperação do Palace. Para mim, eram duas grandes experiências em simultâneo.

Projectado com base numa matriz nova, a construção do SPA estava, nesse sentido, mais facilitada. Já a matriz pré-existente do Hotel, implicava a adaptação de um programa com especificidades contemporâneas, elevando assim, o nível de complexidade da obra. Revelava-se um verdadeiro “trabalho de relojoaria”.

Era gratificante ver a obra crescer a cada visita. O nosso trabalho e empenho estavam em construção. Apesar de ser apenas uma estagiária, pela forma como fui acolhida por esta equipa, pude felizmente sentir, que também contribuiria para o crescimento daquela obra. Amadureci.

Senti a estranheza do que é, pela primeira vez, ver construído algo em que trabalhamos. Ansiava por vir a sentir a emoção do arquitecto, enquanto autor, ao ver a sua obra construída. Essa é a finalidade com que a projecta.

Faltava apenas um mês para terminar o estágio. A obra não tinha ainda terminado.

Queria poder continuar. O que tinha aprendido durante aquele período era inquantificável, e sabia que se continuasse poderia aprender muito mais.

Quase a terminar o dia trabalho, dirijo-me a Siza.

– Siza, o meu estágio termina daqui um mês. Queria perguntar-lhe se posso continuar...

– Se puderes continuar, eu gostava que continuasses. – Responde tranquilamente.

Voltei a sentar-me, e continuei a trabalhar ainda mais motivada.

Actualmente, continuo a colaborar com Siza e a aprender todos os dias.

O DESFECHO

Apesar de, cronologicamente, este desfecho ter acontecido fora do período de estágio, não poderia deixar de o registar. Representa o fim da obra.

Infelizmente, representa também a minha primeira desilusão durante esses três anos. O final desta história é feliz, mas não tanto como o da maioria.

A obra do SPA encontrava-se já num estado avançado.

A nova estrutura interior do Hotel estava já concluída. O quarto modelo estava praticamente terminado. Iam iniciar-se os acabamentos dos restantes. As peças em pedra dos revestimentos interiores, desenhadas uma a uma, à medida dos espaços em que iam ser aplicadas, estavam numeradas e em paletes junto à entrada do Palace. O puzzle que formavam era complexo.

Siza é informado de que uma empresa de decoração de interiores, contratada pelo dono de obra, iria integrar a equipa. Ia iniciar-se um trabalho conjunto que conduziria ao término da fase final da obra do Hotel.

Os acabamentos estavam definidos. Decorriam os trabalhos de restauro sob a coordenação do arquitecto José Aguiar – especialista no tema da cor – contratado pelo dono de obra, para executar os trabalhos “arqueológicos” inerentes à pesquisa das pinturas originais. Trabalho que em Pedras Salgadas, tinha já dado os seus frutos.

O mobiliário existente e original do edifício, a recuperar e posteriormente a reintegrar, tinha já sido previamente

seleccionado por Siza. Tal como o mobiliário novo, constituído por algumas das suas peças. À partida não fazia sentido a contratação desta nova equipa. No entanto, os trabalhos prosseguiram.

O ambiente que Siza tinha previsto no interior do edifício, e que a pouco e pouco ganhava dimensão, começava a ser questionado. Novas soluções surgiram por parte da equipa de decoração, cujos princípios foram aceites pelo dono de obra. Acabando assim, por conduzir os trabalhos que desfiguraram completamente todos os interiores do edifício. Esta intervenção selvagem foi seguida pela destruição do quarto modelo.

O mobiliário original desapareceu.

Siza decide assim, retirar o seu termo de responsabilidade, relativo às obras do interior do Vidago Palace Hotel e do Edifício das Cozinhas, e aceita conduzir até ao final, a obra dos seus exteriores e de todo o edifício do SPA, com a condição de que ninguém voltasse a interferir no seu trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Siza pela amizade, pelas lições de arquitectura, pela sua arquitectura.

A todos os seus colaboradores. Especialmente, à Anabela, ao António, ao Carlos, à Cristina, ao José Luís, e à Maria João, pela sua disponibilidade e por tudo o que me têm transmitido ao longo deste tempo.

* Termo geralmente usado para referir uma tipologia arquitectónica predominante no mundo Islâmico e relativa as salas de banho públicas e privadas. O *hamman* tem origem na arquitectura Bizantina. Desempenha um papel fundamental na cidade Islâmica.

Estágio: entre Roterdão e Barcelona

Inês Trindade nasceu em Anadia, Portugal, em 1980. Arquiteta formada pela Escola Universitária de Artes de Coimbra em 2006. No ano seguinte, sob a orientação do Arquiteto Belém Lima, iniciou o seu estágio em gabinetes internacionais, Roterdão e Barcelona, destacando a

sua colaboração nos projetos de "Villa Vals" na Suíça e da "Nova Câmara Municipal de Utrecht" na Holanda com o Arquiteto Christian Muller.

De 2008 a 2010 trabalhou em dois gabinetes nacionais, tendo orientado o projeto do "Hotel Vilariça" em Torre de Moncorvo

em Portugal. Em 2011 voltou à Holanda para fazer parte da equipa internacional dos KCAP Architects & Planners, tendo participado em projetos e concursos na China, Rússia e Holanda.

Regressou a Portugal em 2012 e fundou a TRINDADEVICENTE arquitetos.

Escrevo esta história com a simplicidade com que vejo a vida e o entusiasmo que senti quando fiz o meu Estágio pelo Mundo.

Vou contar como consegui atingir a felicidade plena e como ultrapassei todas as frustrações e carências afetivas até lá chegar. Sempre fui uma pessoa aventureira e curiosa. Só precisei de uma conversa com um amigo para acreditar que conseguia sair sozinha do País e conquistar o Mundo. Tinha 26 anos quando terminei o curso e estava convencida que precisava de algo diferente na minha vida. Precisava de encontrar o meu caminho, de me surpreender com a Arquitetura, de descobrir se a minha paixão por esta área bastava para vencer num mundo artístico e fascinante.

O meu estágio teve duas fases, a primeira na Holanda e a segunda em Espanha.

Fui para a Holanda em Setembro de 2006 com uma viagem de volta para o Natal. Levei uma mala de roupa, um computador, a prova final, uma caneta Pilot, um caderno para desenhar e alguns euros na carteira.

Rapidamente descobri que precisava de fazer um portfólio. Fiz um PowerPoint com projetos académicos e gravei-o num CD. Idealizei também uma carta de apresentação que, por não ter impressora, escrevi à mão, tendo assim conseguido apresentar uma candidatura diferente de muitas outras redigidas a computador.

Fui de bicicleta a vários gabinetes de arquitetura que procuravam estagiários e bati-lhes à porta para entregar o envelope com a minha candidatura. Lá dentro tinha o CD e a carta de apresentação. Foi na segunda entrevista que consegui o meu primeiro emprego, o meu Estágio.

Consegui arranjar emprego um mês depois de ter chegado à Holanda. É esse tempo, que hoje recorro como decisivo, que me faz acreditar que tudo é possível e que vale a pena sonhar. Foi muito complicado ultrapassar os primeiros dias de solidão, não tinha vontade de comer, de passear, ema-

greci e chorei durante três dias. Fui capaz de mentir aos meus pais para que não se preocupassem! Afinal a decisão tinha sido minha e não podia desistir tão rapidamente.

As dúvidas se conseguiria ou não encontrar emprego eram tantas que adoeci, fui ao hospital e curei-me com a vontade que tinha de vencer. As saudades que sentia da minha família e dos meus amigos eram muitas mas eu tinha que fazer novos amigos rapidamente, e foi porque os conheci que consegui ultrapassar todos os obstáculos.

Estarei eternamente grata aos amigos que fiz em Roterdão. Fui ter a casa deles, a Casa Amarela como lhe chamavam, depois de passar três dias em Amesterdão sozinha. Só conhecia o Sérgio que vivia nesta casa com outras duas portuguesas, a Catarina e a Sílvia. A Inês Rosa juntou-se ao grupo pouco tempo depois. Éramos um grupo especial, pessoas fantásticas! Sem o apoio delas teria sido ainda mais difícil orientar-me num país tão diferente do meu. Vivi em casa deles durante algumas semanas e, mesmo depois de ter arranjado um quarto numa outra casa, encontrávamo-nos quase todos os dias e planeávamos as aventuras na Holanda juntos.

O quarto que encontrei era numa casa onde moravam um chinês e uma japonesa, a casa era suja e as paredes pintadas de azul e vermelho. A cozinha cheirava mal e não havia condições de higiene... Aquele foi o único senhorio que se disponibilizou a aceitar uma inquilina sem emprego ainda. Tive que me sujeitar. Felizmente o meu quarto era limpo e tinha uma janela virada a nascente que todos os dias de manhã deixava o sol entrar e eu acordava bem disposta. O meu quarto passou a ser o meu refúgio e o sítio mais confortável de Roterdão. Eu tinha sempre novidades para contar aos meus amigos e família em Portugal, as chamadas telefónicas tornaram-se mais longas, criei um blog onde reportava todas as minhas novas experiências, escrevia emails com textos compridos, usava o *Messenger* para falar com vários amigos ao mesmo

tempo... e as palavras nunca se esgotavam! A Holanda é um país multicultural, livre de preconceitos e cheio de oportunidades. Aquilo que mais recordo são as pessoas alegres, a paisagem colorida, os canais sempre presentes, as fachadas típicas de tijolo com janelas grandes sem cortinados ou portadas, o movimento de bicicletas alucinante... Era tão diferente de Portugal! Fiquei apaixonada desde o primeiro momento.

A cidade de Roterdão foi reconstruída após a segunda guerra mundial. Caracteriza-se hoje por uma arquitetura contemporânea que parece não ter condicionantes. É uma cidade organizada, os edifícios destacam-se pela sua elegância e altura. Senti que ali tudo era possível, construções que desafiavam a física! Cada edifício tem uma identidade, parece que disputam qual o mais vistoso. Uma arquitetura tão diversificada quanto os habitantes que moram na cidade.

Roterdão tem cerca de quatrocentos gabinetes de arquitetura, urbanismo e paisagismo. Por isso, conheci muitos arquitetos na mesma situação que eu e sabia também que ali havia muita oportunidade de emprego. Conhecia um site com anúncios de procura de estagiários, li os que estavam escritos em inglês, fiz um mapa com a sua localização e entreguei algumas candidaturas em mão. Tentei sempre falar com o arquiteto responsável mas nunca foi possível. Soube entretanto que a candidatura chegava sempre à pessoa a quem era dirigida porque todos me responderam. Houve alguns que não estavam interessados na minha candidatura mas convidaram-me a visitar o gabinete se eu quisesse. As duas entrevistas que fiz foram muito agradáveis. Senti-me bem recebida, puseram-me à vontade, ofereceram-me um chá ou café, mostraram-me o gabinete e começavam a entrevista a explicar-me a filosofia e o tipo de trabalho que o gabinete estava a desenvolver.

Fui contratada, na segunda entrevista, para um gabinete de um arquiteto suíço, Christian Muller Architects, e tive a oportunidade de colaborar em dois projetos

relevantes, a “Villa Vals” e a “Nova Câmara Municipal de Utrecht”. Recordo que o Christian tinha estudado bem o meu Portfólio, perguntou-me várias vezes se tinha sido eu a fazer aquelas maquetes e se a desenhar também era tão *sharp* quanto a escrever, referindo-se à carta de apresentação. Era um gabinete pequeno. Fui desenhadora e maquetista. Durante o estágio tive colegas de várias nacionalidades, da Turquia, da Polónia, da Suíça e da Holanda, o que enriqueceu bastante o ambiente de trabalho. Todos tínhamos algo a acrescentar à equipa, com conhecimentos variados, culturas e formações diferentes, o que fazia com que o projeto se tornasse mais rico.

Ouvíamos Paulo Conte enquanto trabalhávamos, o ambiente era descontraído, contávamos as nossas histórias do fim de semana e falávamos sobre as tradições dos nossos países de origem. Todas as segundas-feiras discutíamos o plano semanal e as ideias iam surgindo durante o dia e à hora de almoço. Às vezes até com a comida imaginávamos novas volumetrias para o projeto que estávamos a desenvolver.

O gabinete tinha uma sala de computadores e uma sala de maquetes numa área rectangular, nos topos uma “*bow window*” virada para a rua principal e uma outra porta-janela virada para uma varanda sobre o pátio do quarteirão. Estas janelas gigantes transportavam uma luz natural muito especial. Havia ainda uma cozinha e um WC. As escadas para aceder ao piso do gabinete eram muitas estreitas e íngremes. Na Holanda as casas são muito compactas, todos os espaços são aproveitados e as escadas não são desenhadas para serem confortáveis, são meramente funcionais. Os holandeses são muito altos e magros e a língua deles é hostil. Apesar de nos cumprimentarem com um aperto de mão, são um povo caloroso e simpático.

O gabinete primava pelo bem estar, o Christian era exigente mas sempre confiou na equipa que trabalhava para ele, havia uma motivação extraordinária... todas as

ferramentas de trabalho estavam acessíveis, a biblioteca, os computadores, a sala das maquetes e até a cozinha que usávamos para fazer chá de hortelã que nos acompanhava nos dias de inverno rigoroso.

Recordo perfeitamente o primeiro dia de trabalho! Fui muito bem recebida, o Christian apresentou-me a equipa e o gabinete, situou-me nos projetos e pediu-me que pensasse na fachada principal de um dos projetos. Passei a tarde a desenhar só com os meus colegas porque o Christian esteve ausente em reunião. Recordo também o entusiasmo com que ele contava as novidades que trazia cada vez que saía. Aquele projeto está agora em obra. É um edifício de escritórios para a Câmara Municipal de Utrecht.

Lembro-me da vivacidade com que ele contextualizou o projeto que estava em fase de estudo prévio. É um edifício complexo, parcialmente implantado sobre a nova estação de comboios e autocarros de Utrecht. Os primeiros cinco pisos são reservados para área pública de carácter mais orgânico e dos níveis 6 a 11 a planta é rectangular e ortogonal que também liga as duas torres sobre estes pisos. A fachada expressa estabilidade estrutural. A torre sul é construída sobre os únicos cinco possíveis suportes. O desenho revela sustentabilidade ecológica porque os grandes vãos proporcionam luz natural em vários espaços interiores. É um edifício para 2000 pessoas com uma volumetria inspirada numa escultura de Eduardo Chillida em que cada face do volume tem uma textura diferente. É rígido no seu exterior e orgânico no interior. O átrio tem 6 pisos de pé direito e um grande pano de vidro sobre a fachada da entrada. O edifício foi desenhado para se tornar num ícone da cidade.

Colaborámos neste projeto com mais duas equipas de outros gabinetes, os *Kraaijvanger Urbis*, um gabinete mais experiente com bastantes arquitetos e os *Movares*, engenheiros especialistas em projetos para estações de comboios. O Christian foi contratado para apoiar os *Kraaijvanger Urbis*.

Eu fazia principalmente as maquetes de estudo e apresentação. O Christian gostava de fotografar a equipa a fazer as maquetes. Ficava sempre muito expectante quando eu montava a maquete.

O outro projeto que estávamos a desenvolver era uma casa de férias para o meu chefe e para o arquiteto Bjarne Mastenbroek. É uma casa que já está construída e por variadas razões tornou-se numa imagem famosa e um bom exemplo de originalidade e funcionalidade na arquitetura.

A casa é na Suíça, ao lado das Termas de Vals do Peter Zumthor. Toda a casa está enterrada e vive para um Pátio. Esta solução criou excelentes condições térmicas no interior da casa, a relação entre pisos e meios pisos proporciona uma variedade espacial muito interessante e todos os espaços têm uma relação visual muito forte com o exterior. Todas as paredes e lajes são de betão armado. A entrada para a casa é feita por um celeiro característico na Vila. A ligação do celeiro à casa faz-se através de um túnel. Assim assegura-se a saída dos residentes em caso de avalanche e consequente queda de neve no pátio.

Lembro-me que o Christian passou horas ao telefone com as autoridades Suíças para obter licença para o projeto. Era impressionante ouvi-lo a falar francês, alemão e inglês com fluência... O desenho da casa tinha argumentos tão válidos que as autoridades Suíças acabaram por os reconhecer e aceitar, autorizando a construção como estava programada. O que realço nesta casa é o enquadramento excecional numa paisagem única.

Lembro-me que um dia começou a nevar. Eu estava a trabalhar e era a primeira vez que via flocos de neve tão reais e grandes. Fiquei na varanda alguns minutos a apreciar e a tirar fotografias. Queria guardar aquele momento para sempre. Os meus colegas holandeses disseram que eu parecia uma criança a ver neve pela primeira vez! No ano de estágio tirei milhares de fo-

tografias, tudo era encantador para mim!!! Tinha tanta vontade de explorar o mundo que em todas as folgas aproveitei para viajar, de comboio. Tive a oportunidade de visitar Roterdão, Amesterdão, Utrecht, Delft, Haia, Maastricht, Groningen, Leiden, Gouda, Eindhoven, Dordrecht, Tilburg e Almere na Holanda; Colónia, Frankfurt, Berlin, Bremen, Bremerhaven e Dresden na Alemanha; Antuérpia e Bruxelas na Bélgica e Praga na República Checa.

Também no trabalho programámos uma visita de estudo de um dia e fomos visitar a Universidade de Utrecht. O edifício que melhor recorde é a biblioteca, uma grande obra do arquiteto Wiel Arets, os espaços amplos, a luz controlada, o mobiliário minimalista, a relação visual entre os níveis e os vãos interiores. Compreendi que *“less is more”* a partir daquela visita. A biblioteca estava cheia de gente mas havia um silêncio sepulcral!

Fizemos um *“booklet”* para registar as obras que tínhamos visto naquela visita de estudo.

Foi possível integrar-me na equipa tão facilmente porque todos na Holanda falam inglês, desde a criança que ainda não entrou para a escola ao idoso reformado. Estive presente em reuniões dentro e fora do gabinete, fui à obra acompanhar o Christian e mesmo nas situações em que todos os intervenientes eram holandeses excepto eu, nunca me senti excluída, todos falavam inglês para que eu pudesse perceber e participar, havia um ambiente muito internacional e, ao mesmo tempo, um espírito hospitaleiro em todo o país.

O mais difícil era ter que viver com o salário de estagiário, eram poucos euros. Como os estudantes de arquitetura fazem o estágio curricular, o ordenado para um estagiário está abaixo do do arquiteto. Mesmo depois de explicar ao meu chefe que já tinha terminado o curso e que estudei durante seis anos, o facto de me ter apresentado como estagiária, não saber falar holandês e não

ter autonomia para exercer a minha profissão condicionou-me a ser estagiária igual aos meus colegas.

Foi por não conseguir independência financeira que enviei mais alguns currículos. Nessa altura recebi uma carta de uma prima, a Filipa, desafiando-me para irmos até Barcelona procurar trabalho. Era verão mas na Holanda não havia sol e o céu era escuro! Cansada de andar à chuva, tomei a decisão de partir para mais uma aventura... Precisava de me aproximar de Portugal, o meu país que aprendi a valorizar ainda mais enquanto estive longe, as saudades que tinha de falar português, sentir o sol presente verdadeiramente, a comida, as pessoas divertidas, os meus amigos...

Vim a Portugal de férias e preparei-me para a segunda fase do meu Estágio. Parti para Barcelona com o mesmo espírito da primeira fase. Tinha que atualizar o meu portfólio rapidamente para começar de novo à procura de emprego. Durante a primeira semana ficámos em casa de uma amiga da minha amiga Sílvia que conheci em Roterdão, a Hélica, que nos deu dicas importantes para encontrar casa. Procurámos persistentemente uma casa. Encontrámos dois quartos disponíveis numa casa com seis quartos. O apartamento era excelente, habitávamos com pessoas de nacionalidades diferentes, uma americana, um mexicano, uma venezuelana, um alemão... Mais uma vez estava inserida num meio multicultural.

Comecei a fazer o portfólio e anunciei a minha candidatura no site do Colégio de Arquitetos de Barcelona. Fui chamada para algumas entrevistas mas a maior dificuldade era a comunicação! Ao contrário da Holanda, aqui não encontrei quem falasse inglês. Tive que me esforçar para começar a falar castelhano. O catalão nunca foi preciso aprender. Encontrei trabalho pouco tempo depois de ter chegado, num gabinete também pequeno. Era no centro histórico junto às Ramblas, os KF Arquitectes. Eram um casal jovem que estava a dar os primeiros

passos na internacionalização do gabinete.

Contrataram ao mesmo tempo dois arquitetos exclusivamente para concursos. Lembro-me que ao começar os concursos fazíamos “brainstorming” e as minhas ideias foram sempre valorizadas. Naquele gabinete todas as opiniões contavam e eu sentia-me motivada. Pela primeira vez conseguia ter independência financeira também. Barcelona estava no auge da construção e os arquitetos eram bem pagos. Trabalhei como Autónoma, que corresponde ao Trabalhador Independente em Portugal, uma prática muito comum em Espanha. Sabia que tinha que pagar os meus impostos, e apesar do custo de vida ser bastante elevado, o salário suportava bem todas as despesas.

Nesta fase eu já tinha mais experiência e também mais responsabilidades, praticamente eu e o meu colega contratado decidíamos e conduzíamos o projeto a concurso. Houve sempre o bom ambiente de nos tratarmos de igual para igual. Aprendi que a educação superior em Portugal é muito reconhecida lá fora, e os arquitetos portugueses são bastante conhecidos e admirados. Aqueles que conheciam já Portugal falavam do Sol, da arquitetura, da praia, da comida, da paisagem. Os que ainda não conheciam gostavam de cá vir.

Barcelona é uma cidade muito interessante. Andei quilómetros a pé mas posso dizer que conheço bem os cantos da cidade. É encantador ver o património que Antoni Gaudí deixou aos catalães. A cidade tem uma magia especial!

Mas, algum tempo depois, o dia-a-dia passou a ser uma rotina e não havendo o encanto da primeira vez, nem tudo correu bem em Barcelona. A comparação com Roterdão foi inevitável, e correndo o risco de ser cruel, posso afirmar que eu tinha vindo do paraíso para o inferno. A cidade era tão turística que rapidamente me vi no meio do caos. As pessoas eram demais para as ruas estreitas do centro histórico, as pessoas falavam alto, adeptos do futebol desordei-

ros, gente a roubar à descarada... Sim, eu fui roubada três vezes durante os oito meses que vivi em Barcelona... Tentei usar uma bicicleta diariamente para o trabalho, mas no meio de tantos turistas nas zonas pedonais, de tantos autocarros e motos nas vias principais, acabei por desistir porque não era possível assim... Passei a ir de metro para o trabalho. Era deprimente! O metro em Barcelona é poluído, barulhento e caótico. Como eu odiava enfiar-me no metro de manhã!!!

Não conseguia descansar à noite, havia barulho de dia e de noite. Viver e trabalhar em Barcelona começou a tornar-se um pesadelo... Andava stressada e queria acabar o estágio. Tive que informar os meus chefes da minha decisão de querer acabar aquela etapa, tinha que vir para Portugal fazer o exame à Ordem. Era Natal e fizemos um jantar de despedida num típico restaurante de tapas de Barcelona. Ofereceram-me um livro de obras de arquitetos catalães e eu um Vinho do Porto. Foi uma despedida bonita!

“That’s all folks!”

Só mais um episódio decorrente do meu Estágio:

Mais tarde, em 2011, fui trabalhar para Roterdão outra vez. Numa bela manhã de sol, quando estou a ir para o trabalho, encontro na ciclovía o Christian! Durante o trajeto que fizemos em comum contei-lhe que estava a trabalhar nos KCAP Architects & Planners. Foi uma agradável surpresa encontrá-lo. Na semana seguinte escreveu-me para me convidar para um “Open Day” da oficina da mulher dele, artista plástica. Fui com dois amigos e lá estivemos à conversa na oficina, conhecemos as obras da artista e contámos as mais recentes novidades. Quando apresento os meus amigos digo que um deles é arquiteto e está à procura de trabalho e o Christian pergunta-lhe sorrindo “Are you good as Inês?”

Crónica em Bruxelas

João Azougado, Lisboa (1986), Mestrado em Arquitectura pelo ISCTE-IUL (2009).

Actualmente cursa o Mestrado de Urban Strategies // Power Plant City na Universidade de Artes Aplicadas em Viena, presidido por Wolf Prix.

O seu percurso profissional inicia-se em Bruxelas, Bélgica, na OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) onde

completa o estágio de admissão à Ordem dos Arquitectos tendo sido tutorado pela Arquitecta Ana Vaz Milheiro. Ainda na OTAN exerce funções de Consultor de Space Planning. Abandona a OTAN em 2011, dedicando-se à investigação de territórios naturais e técnicas de construção sustentável.

Nesse mesmo ano recebe uma menção honrosa no Arquitectar '11 pela participação no projecto

«Chaminé». Em 2012 parte para Copenhaga, Dinamarca, onde colabora com Dorte Mandrup Arkitekter em diversos projectos com especial enfoque em desenho urbano.

Publica e participa em contextos académicos como Bahaus/Weimar University (Alemanha) e SintLucas University, Bruxelas e Gante (Bélgica). Além disso, escreve textos de opinião para blogs.

O DESAFIO LE DÉFI

Apertos de mão, conversas de circunstância e reuniões formais fizeram parte daquele que, para muitos, foi um estágio de Arquitectura atípico.

Durante aproximadamente um ano e meio colaborei com o gabinete de Defense Investment – Headquarters Project Office (DI-HQPO) da North Atlantic Treaty Organization (NATO), em Bruxelas, Bélgica.

Durante este período, iniciei e terminei o estágio de admissão à Ordem dos Arquitectos, tendo realizado algumas das tarefas que competem a arquitectos e que estão listadas nos diversos regimes da Ordem. Todavia, o contexto, a circunstância e a escala foram atípicos.

Ter como primeiro trabalho um projecto com 250 000 metros quadrados de área construída, abarcando áreas militares e civis, com um pessoal que ultrapassa largamente os 2 000 entre colaboradores da organização e das diferentes delegações nacionais, é sem dúvida excitante.

O DESEJO LE DÉSIRE

Mas antes de passar por contar a ansiedade e o entusiasmo de trabalhar com números complexos de estratégia e organização espacial, devo começar por assinalar a minha total ignorância prévia a todas as instituições nacionais e internacionais deste tipo.

Antes de embarcar nesta aventura, Bruxelas era longe, organizações internacionais eram nomes que soavam na televisão e, assumo-o corando, não tinha grande consciência do que representavam e do que consistiam efectivamente.

Foi num concurso interno promovido pela IAESTE (International Association for the Exchange of Students for Technical Experience) no ISCTE-IUL que tomei

conhecimento de vagas para estagiários em contextos internacionais. Para tal bastava alistar-nos e as avaliações consistiriam na análise das notas dos alunos durante o seu percurso académico. Ora, sendo um aluno esforçado e trabalhador, tinha avaliações bastante positivas, mas havia quem mais se destacasse pela maestria dos softwares e do discurso desenhado. Sem grandes esperanças de fazer parte dos dois seleccionados para os diferentes lugares – sabia-se que um seria na Bélgica e outro no Brasil – corri à mesma.

Quando entrei na faculdade, tracei um plano que consistia em fazer os 5 anos de licenciatura em Portugal e depois partir. Para onde não sabia, mas tinha muita vontade de sair e praticar outras maneiras de fazer arquitectura. Só não sabia como haveria de me organizar para sair, mas haveria de o fazer de alguma maneira. Tinha o desejo de conhecer pessoas e contextos que me eram estranhos, queria saber como reagia à solidão inicial inerente à mudança de contextos e acima de tudo queria viajar muito.

Alguns meses passados após o concurso, os resultados são publicados e, de todos os candidatos, posicionei-me em quarto lugar. Fiquei sem esperança, até porque achava impensável alguém não aceitar uma aventura deste tipo.

Haveria de ter outras oportunidades para sair, pensei na altura.

Acontece que o impensável ocorreu e fui seleccionado para um dos estágios, neste caso, o de Bruxelas – devido à desistência dos outros candidatos melhor posicionados no ranking. A aventura começava agora entre formulários de segurança de cores distintas, selos, timbres e certificações diversas.

Entre corridas ao Ministério da Defesa e entregas finais de projecto, tudo se realizou com a devida celerida-

de e comecei a desenvolver um sentido de organização exemplar que hoje me caracteriza.

Bruxelas e a NATO esperavam-me, mas não fazia ainda ideia para que funções.

OS ARQUITECTOS NÃO MORAM AQUI LES ARCHITECTES N'HABITENT PAS ICI

Vivi os primeiros 6 meses da minha estadia belga num sótão de uma casa num distrito residencial relativamente central, habitada por uma família francófona composta por um casal de professores esquerdistas e de 4 filhos com idades bastante desfasadas. Eram uma gente viva, barulhenta e rebelde.

Juntamente comigo, naquele sótão, vivíamos três rapazes: dois na área nobre do sótão e eu no quarto mais alto, cuja vista me permitia contar as chaminés do distrito de Woluwé Saint-Lambert. Entre o luxo do isolamento e do cheiro da madeira secular, ganhei anticorpos contra espaços reduzidos e pés-direitos baixos.

Recordo-me especialmente das malditas cabeçadas matinais no tecto, cujo pé-direito era realmente reduzido para a minha estatura e das quedas inevitáveis nas escadas com cobertores reduzidos e uma corda com nós que servia de corrimão. A malta é jovem e acha piada, mas sinceramente, não sei se conseguiria ter o espírito de o viver outra vez.

Vestia-me como um senhor, de fato, camisa engomada e gravata séria, mas vivia num quarto de fantasia onde ninguém cabia.

No primeiro dia de trabalho, começamos 3 novos estagiários, muito embora em departamentos diferentes da organização. Tudo era mecanizado, estruturado e ordenado. Havia uma lista com os passos a fazer antes de entrar no escritório no primeiro dia e, só depois de ter recolhido assinaturas dos represen-

tantes dos sítios por onde deveríamos passar, tínhamos acesso à chave do nosso escritório.

Numa organização de pendor político e militar, a estrutura hierárquica é importante, mesmo para os funcionários civis. Todos sabem o seu lugar, as suas competências e responsabilidades. Todos reconhecem que áreas lhe são reservadas, bem como em que zonas é permitido falar de todos os assuntos. Fala-se claramente de controlo de passagem de informação e há sinalização que nos indica que postura ter relativamente a ela. Aprendi a conversar de outras coisas que não do trabalho e isso foi um exercício inicialmente difícil. Existem outros assuntos, outras perguntas e outras curiosidades que se despertam quando não se fala de trabalho. Esse rigor criou-me uma definição clara entre o que faço profissionalmente e o que sou fora desse círculo.

Uma das figuras essenciais na marcação dessa distinção, foi a directora de projecto, a quem tinha que reportar directamente todos os meus movimentos.

Inicialmente, a sua postura era rígida e inflexível, mecanizada até. Contudo, com o tempo percebi que fora do escritório era uma arquitecta jovem, interessada em urbanismo e em viagens exóticas, mostrando-se relaxada e apaixonada por banda desenhada. Por outro lado, ser mulher num projecto dominado por homens, fez com que adoptasse uma figura rígida e combativa.

A sua escrita e percepção burocrática do protocolo eram imbatíveis. Com ela aprendi a escrever nas entrelinhas, a defender-me com palavras e a assegurar respostas. Ainda assim, um pouco mais de perspectiva crítica relativamente ao processo de desenho, tanto na macro como na micro escalas, tê-la-ia marcado mais positivamente na minha memória.

A mim, jovem arquitecto cujo conhe-

cimento de ciência política se colava às noções básicas de história e geografia assimiladas num ensino secundário distante, aprendi rápida e claramente as repercussões espaciais inerentes a um membro, a um parceiro ou um visitante da Organização.

Enquanto arquitecto, apreender as relações espaciais da discussão política de topo, transformando-as em mapas, plantas e organogramas, foi um exercício excitante, esgotante e difícil que ainda hoje conservo na memória como o momento em que a minha consciência geopolítica se iniciou e transformou as minhas prioridades profissionais e pessoais.

Trabalhar num projecto que não pude conhecer todo, mas simultaneamente controlar ao ínfimo pormenor o que desenhava – as secretárias e as pessoas que nelas trabalhavam – deram-me uma visão muito estruturada de space planning, o que contrasta com a visão comumente vendida de arquitectura.

Confesso que não fiquei o maior fã de space planning; as tarefas são monótonas e metódicas, exigindo muita leitura e análise de dados complexos (muitas vezes dispostos de forma pouco clara), mas estas funções deram-me o que hoje considero ser grandes vantagens: organização e estruturação de pensamento.

O meu estágio não foi de todo um exercício de criatividade. Foi, antes, uma aplicação de rigor e disciplina na comunicação, quer no desenho quer na verbalização, assim como um momento fulcral da minha carreira onde aprendi estratégias de gestão de contactos pessoais e profissionais que continuo a usar.

Rapidamente percebi que não iria trabalhar com muitos outros arquitectos. Nós, the others, éramos 2, chegando a ser 3 por pouco tempo. Nós éramos minoritários em todo o processo e éramos corpos estranhos no mar de fatos azuis e

golas engomadas. Todos, por código de conduta, respeitávamos um dress-code, que incluía necessariamente o fato e a gravata. Este estado adequava-se à função que tive: pouco criativa e muito técnica. A roupa que vesti disse muito do que fiz. Nunca valorizei equipas grandes. Mas depois desta experiência percebi que o arquitecto aprende quase por osmose, pela observação e pelo contacto.

Este estágio, mais que uma experiência profissional, foi um exercício de observação social, uma etapa de crescimento sem comparação, um sinal despertador de consciência política e geográfica e um laboratório onde experimentei ser arquitecto de outro modo que nunca supus.

CHAMA-SE ADAPTAÇÃO ÇA S'APPELLE ADAPTATION

É um lugar-comum dizer-se que os portugueses são criaturas adaptáveis e flexíveis, cuja capacidade de desenrascar se destaca entre mentes formatadas para as regras. Acredito plenamente que isso possa ser verdade, mas devemos acrescentar que essa adaptação leva tempo e por vezes é dolorosa. Mesmo. Fisicamente.

A neve, a maldita neve, fez moessa no meu corpo sulista adaptado a areias finas e calores do verão alentejano. Se andar de fato e gravata era de si já uma experiência que requeria uma adaptação, andar com sapatos finos sobre o gelo matinal provou-se uma experiência a não repetir.

Rapidamente percebi a razão de se levarem malas grandes para o escritório. Há a roupa da rua, normalmente quente e confortável, e há a roupa do escritório, mais formal e adaptada aos códigos comumente respeitados. Foram várias as quedas que sujaram a gabardina de lama e me mostraram que correr no gelo

matinal não compensa o risco de perder o shuttle para o escritório.

Para além dos diversos problemas de locomoção, a adaptação ao clima em geral valeu-me umas valentes constipações, com direito a episódios embaraçosos nas farmácias em traduções ingénuas de termos técnicos. As situações caricatas que me aconteciam regularmente inspiraram uma série de crónicas e desabafos enviadas com saudades aos amigos mais próximos.

A ironia e a linguagem corrente com que foram escritas, em jeito de desabafo, criaram trocas de e-mails hilariantes que guardo com especial ternura.

As novas tecnologias foram aliás uma arma potentíssima para atenuar saudades e para impulsionar a vida social no estrangeiro. Entre e-mails e redes sociais, combinavam-se visitas nos fins-de-semana, pic-nics de verão e idas à ópera. Jamais esquecerei o concerto de celebração do aniversário da unificação Italiana, celebrada com Puccini.

TRADUÇÃO, POR FAVOR!

TRADUCTION, S'IL VOUS PLAÏT!

Sempre fui um entusiasta da linguística e, agora vivendo e trabalhando em Bruxelas, tive a oportunidade de privar com pessoas cuja língua materna era diferente.

Rapidamente o italiano passou a ser a minha terceira língua, uma vez que os meus amigos mais próximos eram provenientes da Delegação italiana. Todavia, o primeiro curso de línguas que efectuei aquando desta estadia foi efectivamente de francês. Eu tinha noções básicas, mas estavam tão enferrujadas como as minhas ideias de política internacional. Decidi fazer este curso na pausa para almoço na Escola Militar de Línguas da NATO e foi indubitavelmente uma experiência sem comparação. O rigor e o espírito hands on faziam parte de

qualquer aula, sendo que os erros eram tidos como método de aprendizagem diária.

Eramos obrigados a interagir sempre em francês, mesmo com os colegas gregos que – embora com muito esforço – não perdiam o forte sotaque que transformava o francês em russo! Mas enganava quem pensa que apenas investi em francês. Para me sentir mais à vontade com os colegas italianos, e visto terem umas das delegações mais numerosas, paralelamente à imensa comunidade italiana em Bruxelas, decidi fazer um curso de italiano no Instituto Italiano de Cultura. Aprender italiano com professores franceses é obra, mas foi um desafio bem sucedido, muito embora a escola se situasse na *Avenue Misère* (Avenida Miséria). Algumas das minhas funções no escritório, passavam também pela organização da informação a ser apresentada aos diferentes stakeholders. Nesse sentido, tinha que produzir documentos em inglês e francês (obviamente que posteriormente teriam que ser avaliados pelo departamento de tradução) e esta elasticidade na comunicação, foi sem dúvida, uma das mais-valias desta primeira internacionalização.

EXTREMOS EM 6 MESES

EXTRÊMES EN 6 MOIS

Ao fim dos 6 meses iniciais de estágio, mudei de casa. E por ironia do destino, passei do sótão minúsculo para uma cave. Este quarto situava-se bem no centro de Bruxelas, na área de Schuman, onde todas as Instituições Europeias têm a sua sede e onde algumas centenas de estagiários duas vezes por ano enchem todos os quartos disponíveis, fazendo com que os preços pedidos por metro quadrado disparem. Fiquei com um quarto de um colega eslovaco que terminara o seu estágio e que partira para finalizar os estudos. Normalmente

esta é uma das estratégias para encontrar quartos cujos preços fazem jus ao estado débil de um carteira que reflecte inversamente o entusiasmo e energia disponíveis para viver cada minuto. O primeiro verão em Bruxelas foi vivido nesta casa e toda a cidade se altera por conta das estações do ano. Durante o inverno os transportes bloqueiam por causa da neve ou das inúmeras greves, mas durante os meses quentes (leia-se «quente» com alguma ironia) as pessoas eram mais afáveis e utilizavam os parques muito intensamente para pic-nics de fim de tarde ou fim-de-semana.

Neste período passei longas tardes de preguiça burguesa no Parc du Cinquantenaire, mesmo ao lado da rotunda de Schuman. Aqui, conhecíamos os colegas sem gravatas e saias travadas, entre mil e um tipos de cerveja belga e piadas literalmente traduzidas. Incrivelmente descontraídos, estes momentos revelavam-se sempre longas entrevistas de trabalho e prospecção de contactos. De onde vens, o que fazes e o que tencionas fazer, moldam o teu perfil e quem se predispõe a privar contigo. Para além dos *workshops* intensos promovidos pelos recursos humanos, onde aprendíamos e treinávamos entrevistas em inglês e francês, estas conversas no Parque, fizeram com que percebesse claramente que os negócios não terminam entre quatro paredes, mas que se estendem por outros territórios de geometrias mais complexas.

Enquanto permanecia em Bruxelas, tive a oportunidade de viajar pela Bélgica, Holanda e França, tendo feito do TGV um transporte frequente. Conheci as culturas Francófonas e Neerlandesas e permitiu-me experienciar arquitecturas e urbanismos especiais, como em Antuérpia ou Roterdão ou mesmo Paris.

Sendo Bruxelas uma cidade muito bem localizada geograficamente e com

transportes que a conectam com as principais cidades europeias em pouco tempo, permitiu-me perceber que não era o único a tirar partido destas circunstâncias. Outros profissionais trocavam de país diariamente, num movimento pendular que lhes permitia comprar as mercearias num país e encher o depósito com combustível noutro. Por outro lado, conhecer-se muito bem todas as cidades envolventes, estar a par dos festivais gastronómicos, musicais ou mesmo das feiras de emprego, faz parte do quotidiano dum verdadeiro europeu cuja localização permite tirar partido da cultura, da economia e da geografia da cidade que escolheu para viver.

Este foi o primeiro momento em que senti que de algum modo Portugal é periférico. A mobilidade terrestre é difícil, os bilhetes de avião são geralmente mais caros e as ligações são mais demoradas.

O TRIUNFO LE TRIUNPH

Após 9 meses de incertezas e trabalho árduo de memorização de estruturas políticas da organização, produzindo mapas e organigramas, surgiu o convite para ficar mais tempo na equipa, desta feita como *Space Planning Consultant*. Esta promoção foi sentida com orgulho e com a consciência de que o trabalho estava a ser bem executado e de acordo com os mais elevados standards de exigência.

Todavia, do mesmo modo que foi necessário ter coragem para encarar uma aventura deste tipo, foi necessária também uma dose de loucura e clarividência para negar uma nova extensão contratual ao fim de 6 meses, deixando Bruxelas, a NATO, os colegas e os amigos para trás e partindo para uma nova aventura que se esperava mais criativa, espontânea e apropriada à minha idade.

Muito embora pense que larguei uma oportunidade bastante compensadora economicamente, tendo em conta a minha experiência e a minha idade, fiz a decisão acertada uma vez que só no meu trabalho seguinte ganhei a confiança necessária para desenhar um projecto desde a fase conceptual até aos documentos preparatórios da construção. Como dizem os ingleses *enough is enough*. E assim foi.

E TERMINOU ET C'EST FINIT

Das melhores memórias que guardo deste período da minha vida profissional, foi a bonita despedida que o departamento me proporcionou. Na mesma Primavera sete outros membros da equipa despediram-se emocionados de um projecto envolvente e pesado, que a todos deixa boas memórias.

Assim, coube ao meu respeitado Director, a difícil tarefa de organizar um pequeno evento onde directores de obra, directores de segurança e operações, bem como responsáveis orçamentistas e dois estagiários arquitectos deixavam a equipa e partiam para novos desafios. A despedida da NATO e de Bruxelas, não poderia ter tido outro cenário que não o *Parc du Cinquantenaire*. Todos fomos privilegiados por poder celebrar uma nova etapa em cada uma das nossas vidas no topo do Arco do Triunfo Belga e onde, entre discursos emocionados, aprendi que há momentos para absorver competências e outros em que crescemos mais se mudarmos de vida.

Nesta festa, uma banda emergente na cena musical belga, cujo baixista é filho de um dos directores que se despedia também, tocou um concerto privado e emocionado enquanto nos eram servidas iguarias de *nouvelle cuisine*. Até ao último minuto, aprendi e bebi das

histórias de vida de cada um dos profissionais que se cruzaram comigo. Foi nas horas da pausa para o chá, impreterivelmente às 4 horas, que absorvi a fluência do director irlandês ao presentear-nos com histórias da sua carreira militar e das suas viagens pelo mundo, onde a directora de finanças apresentava as razões para desistir do cargo e começar uma carreira nova algures na América Latina a construir escolas para os mais desfavorecidos ou onde uma estagiária romena me ensinou que, apesar de todas as dificuldades políticas e económicas, nos cabe a nós mesmos criar o brio e a certeza de que somos capazes e eficazes.

Embora recorde esta experiência com muita saudade, sei que não repetiria os sacrifícios de castração criativa e que por isso, neste momento, sigo uma carreira diferente, agora em Viena e na Universidade de Artes Aplicadas. Agradeço a oportunidade de ter privado com mentes brilhantes e de ter aprendido competências únicas, mas o meu lugar não era ali. Outros serão certamente mais felizes no lugar que ocupei.

AS MEMÓRIAS E A CORRESPONDÊNCIA LES MEMOIRS ET LE COURRIER

Os contactos desenvolvidos durante esta experiência perduram e enriquecem as minhas referências pessoais e profissionais. As histórias de com quem privei enriquecem o meu imaginário e instigam-me a viver intensamente as condições presentes, projectando ambiciosamente o futuro. Dos colegas, dos amigos e dos conhecidos ficaram contactos e memórias.

Com alguns a presença física é ainda uma realidade, ainda que esporádica; de outros habitam em mim as suas histórias as minhas opções profissionais e pessoais todos os dias. Até hoje não houve decisão crítica que não tenha passado pela sua observação, discussão e concordância.

O mundo é um lugar muito mais rico e

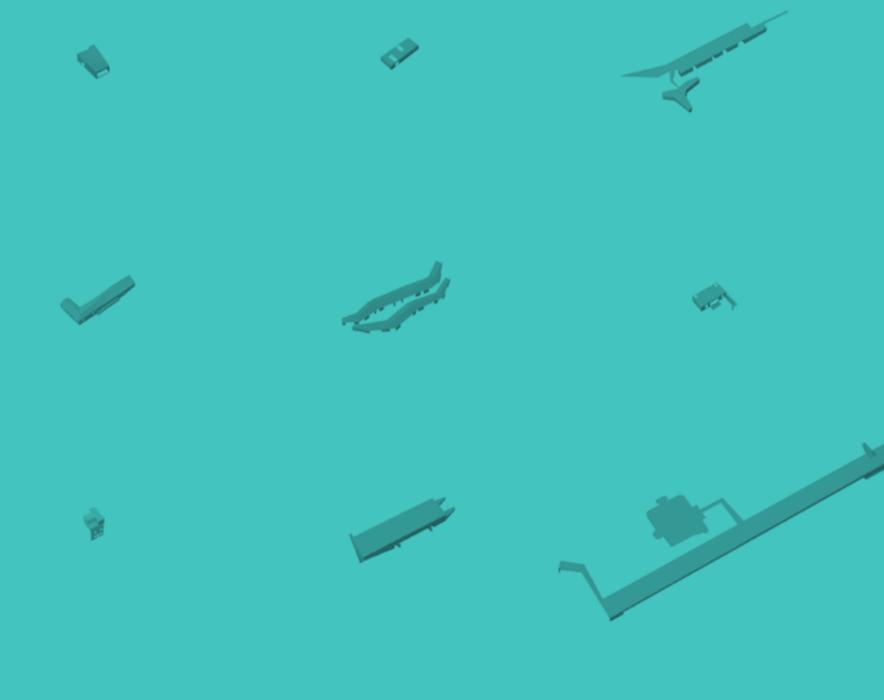
vasto comparativamente ao que concebia anteriormente.

Se mais nada tivesse restado deste estágio, o privilégio de ter sido influenciado por percursos excepcionais de pessoas especiais num ambiente atípico teria sido suficientemente recompensador.

Sublinho a necessidade de abrir horizontes pela experiência física, pelo contacto e pela distância. Ler, desenhar e ouvir, a par de presenciar, tocar e sentir com outros que tenham um entendimento diferente do mundo, da arquitectura e das relações entre os dois, enriquece o leque de opções e informa as escolhas para o futuro. A opção de ir, bem como a possibilidade de desistir e partir, percebendo qual o intuito particular de qualquer jornada, fazem parte dos filtros que uso para me situar pessoal e profissionalmente.

Se esse é o intuito de um estágio, então, o meu foi um estágio bem sucedido do qual guardo boas memórias, saudosas amizades e ensinamentos basilares.

Estágio com Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos



Interessa-se inicialmente por design de comunicação, frequentando o curso tecnológico na Escola Secundária Serafim Leite, em São João da Madeira, próximo da sua residência. Persegue posteriormente arquitectura, ingressando

na universidade de Évora para iniciar a licenciatura e terminar o mestrado integrado, após a incursão de um ano na Escuela Técnica Superior de Granada, num complemento formativo partilhado entre cidades sul ibéricas.

Retorna à cidade onde nasceu, o Porto, para efectuar o estágio de admissão à Ordem dos Arquitectos. Procura agora em ambiente insular, no Funchal, encontrar mais razões que informem o seu percurso profissional.

2011. Fiz o meu estágio com os arquitectos Cristina Guedes e Francisco Vieira de

Campos. Após um período de dois anos dedicado à produção da dissertação, que rematava – em formato de reflexão escrita – a etapa de formação académica, dediquei-me à constituição dos elementos necessários à apresentação da minha candidatura a estágio. Queria evidentemente dar início à tão desejada admissão à Ordem dos Arquitectos, prontamente elaborando um currículo e portfolio que na realidade veio a tornar-se um compêndio dos trabalhos realizados nas duas áreas de formação dos nove anos precedentes – Design e Arquitectura. Abreviei este documento numa versão sebenta que poderia entrar nos ateliers onde pretendia concorrer. No entanto, a minha vontade estava em conseguir obstinadamente uma conversa – não propriamente uma entrevista – em que pudesse apresentar-me, informal e descontraidamente, e ao meu trabalho. Considerava esta hipótese de diálogo com os arquitectos mais favorável à obtenção do lugar na equipa de trabalho. Acreditava que a demonstração da personalidade e carácter seria determinante para a tomada de decisão. Cada vez mais – talvez após a concretização do estágio se tenha tornado mais evidente –, a elaboração de um portfolio graficamente bem composto se tornava o melhor cartão de visita. Assim que tive nas minhas mãos o primeiro exemplar do portfolio, iniciei o procedimento comum de preparação e envio de e-mails para ateliers pretendidos, nomeadamente no contexto de cultura arquitectónica a que me tinha dedicado na dissertação – a Suíça. Em simultâneo, iniciei uma série de visitas consecutivas ao Porto para apresentar-me pessoalmente nos escritórios, pedindo para falar com os arquitectos ou para agendar um encontro noutra data. A dura realidade da

dificuldade de colocação ia-se tornando notória à medida que as rejeições e indisponibilidades surgiam. Com alguma insistência, repeti algumas tentativas ao longo de semanas.

Achava tratar-se de uma questão de oportunidade e não queria que essa me escapasse. Tentando fazer a diferença, interpelei arquitectos com uma apresentação e discurso eloquentes e motivados – ou pelo menos, assim me parecia. A visita ao atelier Menos é Mais | Guedes + de Campos foi uma dessas tentativas que não gerou de imediato resultado. Fui recebido, na segunda vez que me dirigi ao gabinete, pela arquitecta Cristina que se dispôs a ouvir-me. Satisfeito com o modo como me apresentei, saí sem nenhuma garantia. Continuei o habitual procedimento de candidatura até que, dois meses volvidos, recebo um telefonema do arquitecto Francisco a pedir-me que me dirigisse ao atelier para falar com ele. Era uma sexta-feira, em meados de Janeiro, e tinha um voo de ida para Basileia na segunda-feira seguinte, sem regresso definido. Ia tentar a minha sorte no país helvético, após seis meses de insistência à distância. Cancelei imediatamente essa viagem e apresentei-me no início da semana pronto para dar início ao trabalho. Iniciei o estágio no último dia do mês de Janeiro, segunda-feira. Foi um dia que começou diferente. Para mim, porque era o início de uma nova etapa, agora, laboral – agora, a sério. E para o escritório, porque de manhã reunimos para fazer um ponto de situação dos trabalhos, na sala onde se preparam maquetas, com as janelas abertas, o som das gaivotas pousadas nos postes de iluminação pública e os sons do Douro, com a vista da outra margem, Gaia. Percebi, mais tarde, que o pretexto da reunião tinha sido receber-me e mostrar-me o estado das coisas, como é o trato com os colaboradores e

aquilo que se pretendia ver realizado, as exigências de trabalho. Claramente eu estava fora do meu espaço de conforto, nervoso com a possibilidade de contribuir significativamente.

Aportar, como dizem no país vizinho. Não sabia como. Mas recordo o nada cerimonial decurso normal da reunião, como se afinal eu não tivesse acabado de chegar.

SINGULARIDADE FORMAL, OBJECTIVIDADE CONSTRUTIVA

Tive a sorte de participar logo na concepção e instalação de um escritório num edifício de ESM na Avenida da Boavista. Pela escala do trabalho, consegui acompanhar a sua concretização durante o período de estágio. Este facto e a visita à obra de um hotel [e adeg] no Peso da Régua, foram dois momentos marcantes do estágio. Juntamente com o decurso dos trabalhos em atelier, permitiram-me reflectir sobre a metodologia latente da dupla CG+FVC. O trabalho do atelier é motivado pela procura do ajuste do pretendido à realidade. Traduzir em real aquilo que se anuncia como proposto, de uma forma abstracta mas credível. Fazer o possível a partir de uma hipótese concreta, isto é, lidar com as dificuldades da obra [o momento pleno de construção], as limitações [sobretudo, orçamentais] e a máxima potenciação de um dado mínimo. Quer-se concretizar; ambicionasse construir. Sem grandes perturbações, traça-se um caminho que se espera enriquecido pelos diversos momentos do projecto [que o informam e desestabilizam] até ao momento da obra [que contém ainda margem para corrigir e ajustar]. É, assim, um trabalho continuado, da formulação à concretização. O desenho permite uma procura específica consequente do programa dado, em que o desenhar seja uma forma de encontrar um resultado: definir aquilo que se exige

para corresponder ao nível de arquitectura que se pretende. FVC. No primeiro esboço encontra-se já a solução final. Esta é uma lembrança remanescente da experiência com ESM. A ideia é procurada desde logo. Nasce nos primeiros traços e desenvolve-se, consolida-se, sintetiza-se. Muitas vezes não se desagarra dessa primeira tentativa e apenas faz uma exploração que leva, necessariamente, à sua definição final. Encontrar um fim torna-se a dúvida. Impõe-se terminar uma tarefa, mas será que se consegue dizer que a (de)terminação foi obtida? CG. O desenho está no diálogo entre o contexto interior [o programa que especifica a constituição do edifício] e o mundo exterior [o sítio que caracteriza a envolvimento do construído]: um dos ensinamentos de ASV. Erige-se tendo em conta as lições do passado [os exemplos que a história documenta] e os conhecimentos do presente [o cenário que a actualidade apresenta]. Destriçar a conjugação destes factores deve gerar a obra nova, não como uma fórmula mas como uma síntese. Encontrar um equilíbrio é o desafio. Impõe-se conjugar uma soma totalizadora, mas será que se consegue estabelecer a harmonia certa? O dado curioso que a arquitectura do atelier promove é o de lidar com uma forma de trabalho que se tornou comum pelas condições – dificuldades, seria o termo mais assertivo – que actualmente imperam na generalidade dos ateliers portugueses: buscar meios de alcançar a eficácia. Ser operativo na abordagem a um novo trabalho e extrair a essência que apresenta a proposta. Resolver o que é pedido, dando uma resposta clara e exponenciando um fragmento positivo que se encontra como premissa para o projecto. Assim, os projectos tornam-se mais do que são à partida [problemas], tornam-se hipóteses fantásticas que auguram uma boa arquitectura. Acredita-

-se na ideia proverbial que dá nome ao atelier: trabalha-se com consciência de se produzir mais a partir do menos.

Esta é uma crença e não uma certeza. Nos projectos de arquitectura não há certezas, logo, evita-se fazer promessas. Aposta-se na boa resolução do problema colocado pela proposição que é cada novo projecto. Trabalha-se constantemente nesse sentido: para que as coisas corram pelo melhor, esperançosamente, para que aquilo que não se pode controlar à partida decorra com normalidade e chegue a bom porto.

Existem diversos aspectos que escapam, mas há um sentido de optimismo que (en)carrega e orienta o trabalho. Só assim se pode continuar no meio de tanta incerteza. Lida-se relativamente bem com esta incerteza, percebendo que dificilmente uma obra fica fechada nas fases de projecto. Porque a cabeça do arquitecto tem vontades que surgem continuamente ou porque outras dificuldades se apresentam no momento da obra [não se consegue tudo]. Diversos inputs crescem e modificam o que anteriormente tinha sido visto [e decidido]. Assim, fecha-se muito pouco cada etapa alcançada e tem-se sobretudo poucas certezas, excepto que se explora continuamente e é assim que se desenvolvem os trabalhos. Chega-se ao resultado final percorrendo o caminho que nos leva até lá, concentrados na tarefa em mãos, sem propriamente o vislumbrar ou adivinhar. Quanto à antecipação, está sempre na memória do arquitecto, na tentativa de evitar, com a experiência acumulada, repetição de erros – FVC apontava este aspecto como uma das falhas de um aprendiz, dizendo que quem aprende não deve voltar a cometer o mesmo erro, sendo perspicaz. Mas também, antecipação nostálgica: ambicionar que uma nova realidade seja rica de um modo que se reconheça como

memorial – identificam-se traços mas não se localizam, num memory exercise. Para que isto aconteça, actua-se de uma forma cautelosa mas propositiva: quer-se participar. Qualquer actuação implica transformação e essa é a base da intervenção do arquitecto. Intervir no decurso existencial de um lugar ou espaço, preservando as suas qualidades [mantendo o estado e possibilitando a reversibilidade]. Adota-se a ideia presente em GL sobre mudar para que tudo fique na mesma antecipação e nostalgia, uma espécie de credo de CG. Sobre a experiência humana que tive, balançando entre a paciência e a insistência, poderia muito bem dizer que só aquele que faz aprende, lembrando o modo de se expressarem FVC e CG, ou até que nunca terá sido perdido o dia em que fomos contemplados, ao menos, com um bom conselho, recordando a partilha de saberes de todos para comigo. No término desta etapa, talvez que a mais bela forma de a descrever será dizendo que chegámos quase sem dar por isso, parafraseando JS.

Um estágio na Holanda

Iniciei os meus estudos em Arquitectura na Universidade Lusíada de Lisboa em 2003. Período em que comecei colaborar com ateliers de arquitectura, entre outros, o Atelier DXF (atelierdxf.com). Depois de finalizar a licenciatura em Ciências da Arquitectura, participei no programa de intercâmbio para estudantes Erasmus em Milão como bolseiro, durante 10 meses. Completei os estudos de Mestrado Integrado em Arquitectura seguindo depois para um estágio profissional nos Países Baixos no atelier *nunc architecten* (nunc.nl) durante um ano. Desde 2010 tenho desenvolvido a prática de arquitectura como Arquitecto freelancer, tendo participado em concursos públicos e desenvolvido encomendas específicas para estudo prévio, projecto de

execução ou até fiscalização de obra. Em 2011 trabalhei com o arquitecto Rodrigo Lima (rodrigolima.org), desenvolvendo sobretudo concursos públicos de arquitectura assim como acompanhamento de obra destacando-se a recuperação de um monte alentejano para uma habitação unifamiliar em Almadafe. No mesmo ano ganhei um prémio de reconhecimento no *Holcim Awards* (holcimfoundation.org) com o projecto "Jakarta-bersih!" e mais recentemente, em 2012 ganhei um outro prémio de reconhecimento na plataforma AC-CA (ac-ca.org) com o colectivo MAGMO. Neste momento dedico-me sobretudo à exportação da arquitectura, como arquitecto freelancer colaborando com diversos arquitectos, destacando-se a colaboração contínua com o

atelier *nunc architecten* que manteve desde o estágio profissional. Paralelamente à actividade de arquitecto, tenho desenvolvido iniciativas como a radio tijolo de prata, plataforma radiofónica que pretende focar no acto de ouvir, introduzindo músicos emergentes assim como programação de rádio de carácter imprevisível e espontâneo. Desde Abril de 2012 fui incluído na equipa de redacção do *Jornal Pedal*, um suporte que pretende fomentar uma cultura urbana ciclável em Portugal, tendo contribuído com encaminhamentos editoriais, reportagens, entrevistas, crónicas e ainda a organização de eventos associados ao mesmo. Para o futuro estão delineadas estratégias que pretendem criar uma ligação estreita entre a arquitectura e a actividade naval.

INTRODUÇÃO

Um estágio é uma experimentação. É uma actividade temporária definida numa baliza temporal que permite uma adaptação e depende de um acompanhamento que leva à engrenagem de metodologias e sensibilidades. Tal como no caso de um estágio de um atleta, o estágio de um arquitecto é momento em que é criada a oportunidade de medir e elevar capacidades, resolver possíveis lacunas na progressão, na afinação dos músculos e na concretização do exercício. Servem para compreender e evoluir. Para que tal aconteça, o atleta estagiário terá que se apresentar na sua melhor forma física, pronto para ultrapassar os seus limites e ir além do que anteriormente seria o seu máximo. Será igual para um arquitecto.

No caso específico de um estágio de arquitectura, este deverá ser uma transição definindo-se sobretudo pela experimentação, podendo esta ser multiplicada até ser encontrado o resultado pretendido pelo sujeito em estágio. Como ideal, o estágio deverá colocar à disposição uma experimentação das diversas fases do processo de arquitectura, num período que revela o transporte uma ideia até à sua construção.

É uma aprendizagem, um período para uma compreensão da amplitude potencial das ferramentas instruídas canalizada para o desejo de concretização.

O sucesso desta experimentação depende apenas da vontade de fazer.

O ARRANQUE

2009. A entrega dos últimos elementos para a finalização do Mestrado Integrado em Arquitectura e o mealheiro que se encheu, permite começar a pensar no estágio profissional. Neste momento, o dia divide-se entre o trabalho no atelier. dxf em Setúbal, a elaboração de

um portfolio para imprimir e uma versão para internet assim como uma folha que mostra o percurso curricular e um texto que serve de corpo de correio electrónico. Para onde é a pergunta que ocupa a mente. A questão leva a pensar no pretendido, um atelier de grandes dimensões com uma objectivação do trabalho a ser desenvolvido ou um atelier pequeno em que o trabalho poderá ser mais diversificado. Há também uma outra parte a equacionar, internacional ou nacional. A experiência de um Erasmus em Milão leva a pesar o internacional, há a vontade de começar tudo de um zero que significa algo completamente novo, incluindo o local, os cheiros, a comida, a língua e toda uma envolveria cultural que levará à partida, também a uma experiência totalmente diferente na arquitectura. Pretende-se questionar as ferramentas e os processos de fazer arquitectura ensinados na academia. Há nesta fase, com o curso ainda por completar, um crescendo entusiasmo e um profundo desejo de por um ponto final na fase académica da formação e experimentar a liberdade com as ferramentas ensinadas que cresceram nos dedos.

Há uma hipótese de dividir casa com alguém que já se encontra na Holanda desde Janeiro. É uma boa hipótese, tudo cabe nas predefinições básicas da decisão. Segue-se por aí. Pelas ruas da internet, começa-se a apontar os contactos mais sonantes e admirados da arquitectura holandesa. Não escapa um O.M.A., ou uns MVRDV, ainda uns Mecanno ou uns UNstudio. A partir desses, procuram-se nomes de discípulos que entretanto criaram o seu próprio atelier e de repente esbarra-se com um levantamento total de escritórios de arquitectura na Holanda. Passam-se dias a ver imagens de projectos e a ler publicações destas centenas de ateliers cuja arquitectura é bem diferente da Portuguesa. A selecção e feita, há até

um ou outro atelier que estão no momento há procura de estagiários. Apontam-se os contactos.

Aguarda-se ainda a convocatória para apresentação da dissertação de Mestrado. A vontade de ir é mais forte e sem medo fazem-se umas contas e prevê-se que a dia 15 de Fevereiro a Universidade estará arrumada e a mala feita para embarcar na Portela rumo a Haia dos Países Baixos. Ao portfolio já montado com os trabalhos que explicam melhor a vontade de ser arquitecto, junta-se um currículo com a experiência de trabalho em atelier e uma ou outra função num trabalho de verão e está elaborado o “pacote” para enviar. Consulta-se a selecção feita com os ateliers desejados e atira-se para o lado de lá esta proposta de estágio, apontando a disponibilidade para uma visita e entrevista ao atelier. Em simultâneo chega uma carta com a data e hora da apresentação de Mestrado. É na semana seguinte, tudo bate certo com as datas de viagem no entanto há ainda slides para preparar e um discurso de apresentação. De um momento para o outro, sobrevoa-se a Europa Central já com uma planificação de entrevistas com base nas respostas de 11 ateliers dos quais cinco serão visitados. São cinco desconhecidos e pequenos ateliers cujo trabalho em concursos e pequenas obras apresenta de alguma forma uma nova abordagem à disciplina de arquitectura da qual apetece fazer parte.

AS ENTREVISTAS

Depois de aterrar em Amsterdão já com alguém à minha espera avançamos para o comboio que nos leva à casa de Haia. O comboio é muito confortável, a viagem ainda é de uma hora e há bicicletas dispersas pelas carruagens. Pelo caminho trocam-se as primeiras impressões e o primeiro aviso: aqui faz frio a sério. Saco o meu casaco de Milão da mala e

ponho o pé fora da estação central em Den Haag. Atravessa-se um manto de bicicletas parqueadas mesmo à frente da porta principal da estação. Bolas! São imensas! O frio sério faz segurar bem juntas todas as penas do meu casaco e as mãos afundadas nos bolsos laterais fazem desejar luvas. Segue-se a pé pelo frio gelado para aproveitar conhecer a cidade e mesmo de noite, o centro desperta já curiosidade. A casa fica a cerca de vinte minutos, a entrada é simples e sobe-se até ao topo. Atravessa-se uma porta, sobe-se mais um lance e depois do alçapão abre-se uma sala em águas furtadas. É bonito o espaço. Há a sala, num canto a cozinha e a casa de banho e num outro compartimento o quarto, tudo por baixo de duas águas. A manhã seguinte é diferente, há ansiedade e entusiasmo. A estreia das entrevistas é no atelier TD architects com o Stefan, uma vez que o Theo Deutinger não vai poder estar presente. O atelier fica em Roterdão a uma distância de cerca de meia hora com passagem por Deft onde se encontra um núcleo Universitário que aguarda uma visita. A estação central de Roterdão está em obras e a cidade é monstruosa, difícil, dura e assimétrica. Stefan é um pouco mais velho, explica-me que começou por ser aluno de Theo e tem colaborado com o atelier.

A equipa são os dois com colaborações com imensos ateliers e arquitectos independentes.

Explica também que o estágio na Holanda costuma destinar-se aos alunos em formação e não como algo pós académico e por isso estranha a conversa da remuneração. Ainda assim faz uma proposta e apresenta o trabalho que tem sido feito no atelier. Há um concurso para breve e um artigo para uma revista para desenvolver. O atelier é bonito, atafalhado de coisas, com uma sala de reuniões com painéis grandes na parede

e a um canto um amontoado de mesas de centro do Ikea. Stefan parece ter estudado o portfolio que ponho em cima da mesa, destaca o trabalho do pinhal novo e faz-me perguntas. Há ainda mais quatro entrevistas marcadas e adia-se uma decisão para a semana seguinte. Apertam-se as mãos e entra uma rajada gelada pelas narinas. Há tempo para um passeio junto ao Maas mas logo depois começa a escurecer e o frio faz apressar o regresso a Haia. A segunda é em mesmo em Haia, o atelier chama-se Vera Yanovshtchinsky. Quinze minutos a pedal e aparece Scheveningen, a zona costeira junto a Haia, uma espécie de Monte Gordo da Holanda onde se esconde este atelier. Junto ao número de porta percebe que este é o único edifício da rua, são três andares de arquitectura. Passo a porta e há uma recepção com fotografias de edifícios penduradas na parede branca. A senhora indica-me um andar e uma sala onde aguardar pelo arquitecto responsável pela minha candidatura. Há salas vazias pelo caminho, inúmeros estiradores limpos sem papel de trabalho e eis que encontro uma cara simpática que me explica o processo de trabalho, a escolha do tijolo como matéria essencial ao desenvolvimento de edifícios e uma base de remuneração para o estagiário internacional bastante satisfatória. Pergunta-me também acerca do trabalho com o atelier DXF, questiona o processo de trabalho à distância com Luanda e faz perguntas acerca dos projectos de execução realizados nesse mesmo atelier. Há programas específicos com que trabalhar, explica o arquitecto e diz-me que seria encaminhado para a secção de estudo prévio, havendo a possibilidade se seguir carreira "lá dentro". As janelas apontam para o mar, há gaivotas e uma pequena marina mesmo ali ao pé. É um sítio bonito para se trabalhar e pode vir-se de bicicleta. De todo o modo é mais uma

vez adiada a decisão para a semana seguinte e sai-se porta fora para pedalar pela praia.

Rumo à terceira entrevista, a mente começa a dobrar e a vontade é de tomar uma decisão e começar o trabalho. Este atelier situa-se junto a Amsterdão, ao longo do Zaan. Chego a Amsterdão atrasado, confundi algumas trocas de comboios e telefono a dizer que chego mais tarde do que o previsto, há um ok do outro lado e o Steven diz-me que sabem não ser fácil chegar lá. Tempos depois estou num sítio cujo o nome não me sai na voz. Koog Zaandijk. Olho em volta e não há a quem perguntar onde fica a morada que tenho escrita no caderno. Começo a andar, o tempo passa, ligo novamente a dizer que chego ainda mais tarde e penso que esta entrevista está minada. Há um senhor que diz morar ali ao pé que nunca ouviu falar da rua, no entanto mete gentilmente a morada ao GPS e estou perto. Dois minutos e estou entre uma fábrica e um edifício de escritórios. Toco e desfaço-me em desculpas. O espaço é amplo, há maquetas em cima das mesas e folhas riscadas assim como esquisos e fotografias. Ponho o portfolio no estirador e sentam-se dois à minha frente. Fazem-me perguntas e pedem para apresentar os meus trabalhos. O Steven fica entusiasmado com o projecto do Pinhal Novo mas o Johan goza seriamente com o facto de ser completamente utópico e sem nexos. Reparo que existe uma máquina de corte e imensas ferramentas e materiais numa prateleira ao fundo. A vista apresenta uma ocupação forçada de seres industriais num meio urbano habitacional tradicional de subúrbio, uma paisagem estranhamente apetecível. No entanto, apresentam-me uma proposta, apertam-se mãos e dizem que voltam a contactar se o interesse se mantiver. Saio a pensar que não os volto a ver, rumo a Haia. Ainda há duas entrevistas mas só

na semana seguinte e a última não correu como desejado. De manhã sigo até ao Albert Hein, o minimercado mais próximo. A mercearia é sempre uma forma de descobrir uma cultura, as embalagens são diferentes e todos os produtos estão limpos e arrumados. Há uma quantidade imensa de tipos de pastas, ora de ovo ora de carne, grão ou ervas verdes. Há variedade em fruta e o leite vem em embalagens que se assemelham a garrafas de plástico. A escolha é feita pelo aspecto, muitas vezes sem saber ao certo se será o que se deseja, seria bom ter uma tradução para Inglês nas etiquetas.

Recebo entretanto uma chamada do Steven que apresenta uma proposta para minha surpresa. Adiciona-se o facto de me suportarem o transporte, mesmo de Haia e de trabalhar quatro dias por semana, com a sexta livre. Explica-me por telefone que poderei trabalhar num projecto de habitação e seguir-se-á um de escritórios. Peço para decidir mais tarde e o Steven diz que espera até ao dia seguinte. Fazem-se as reflexões, há o desejo de ir para Roterdão para participar num concurso nos TD architects e também a ponderação se será melhor ficar próximo de casa e ir de bicicleta todos os dias. Por outro lado nos *nunc* há bastante trabalho a ser feito, há ferramentas para fazer maquetas e o ambiente parece ser bom.

Horas depois aceito e cancelo as restantes duas entrevistas. Começo já na segunda feira.

O ESTÁGIO

Segunda-feira, pedalo até à central de Haia, procuro um lugar para deixar a Batavus contra-pedal e enfiço-me no primeiro comboio para Amsterdão. A paisagem é incrivelmente plana, tudo a direito e tudo planeado de forma geométrica, com desenhos rigorosos que rasgam os campos verdes. Pelo meio, em

Sloterdijk, troco em direcção a Koog Zandijk. A paisagem fica indefinida entre o industrial e as pequenas casas típicas com telhado de duas águas. Depois de chegar à estação meio desterrada, são mais dez minutos a pé e pelas nove e meia já estou a entrar pela porta da rua. Subo as escadas onde os andares dão para corredores que levam às restantes empresas instaladas neste pequeno complexo. Passo pela porta que diz *nunc architecten* na frente, o Steven e o Johan já se encontram nas secretárias como se o dia fosse a meio e eu estivesse atrasado. *Goede morgen* é o bom dia seguindo-se um “welcome aboard” João. É-me indicado o posto de trabalho e é feito um ponto de situação na companhia de café para me por a par do projecto em que irei trabalhar. Tal como os restantes, é baptizado pelo nome da rua onde se encontra: “De Kule”. Este projecto já está desenhado, há até uma maqueta final, pronta a mostrar ao cliente. Está localizado numa zona de arquitectura tradicional onde foi pedido a implantação de um edifício com cerca de dezoito habitações. A solução encontrada pelos *nunc* trata de uma estratégia de implantação em “L”, seccionando o complexo em dois, embora ligados. A cobertura tem águas assimétricas que lhe dão uma leitura actual contextualizada no universo em que irá ser construída. No entanto, falta-lhe um desenho do parque que resulta da implantação e é essa a tarefa que me cabe. Ao almoço, reúne-se tudo o que há nas prateleiras do mini frigorífico e coloca-se em cima da mesa. Há manteiga e manteiga de amendoim, há uma espécie de pasta com carne picada, húmus e pão fatiado de três tipos diferentes. Experimento o amarelado, o Johan passa-me uma embalagem com peixe cru, Haring, diz ele explicando que é uma das ementas favoritas na Holanda e que é riquíssimo em valor

nutritivo. O cheiro é intenso, barro o pão com manteiga, coloco o peixe cru retirando o rabo e ainda acrescento uma cebola picada. À primeira sabe-me estranho, a segunda trinca é mais saborosa. Em trinta minutos estamos de novo ao trabalho e pelas quatro, no fim do dia, estou a apresentar o resultado do desenho do parque. A proposta assenta num conceito que toca na questão das quintas urbanas, misturando galinhas e coelhos com pequenas plantações e ainda baloiços e outros jogos. Para o Johan é um conceito bastante batido na Holanda, para o Steven é uma abordagem possível e pedem-me para continuar a estudar possibilidades.

A luz acaba-se nesse momento.

Saímos todos juntos às dezassete e sigo o meu regresso para Haia, primeiro de comboio com uma troca pelo meio e depois de fietsen para casa, chegando já no escuro completo. O primeiro trabalho acaba e emerge alguma insegurança por parecer que o meu melhor não foi suficiente. Segue-se num trabalho de finalização da maquete do mesmo projecto, incluindo uma síntese do novo desenho para o parque.

A maquete fica com bom aspecto e é apresentada.

A sexta livre revela-se uma liberdade imensa. Já não há aquela frustração de que não se consegue experimentar outras coisas. Começa-se a pensar no que fazer, surge um blog fotográfico para fazer chegar as visões da experiência na Holanda aos que estão espalhados por outros lados. São-me pedidas pequenas tarefas relacionadas com trabalho manipulação de imagem e vejo que o Steven está a desenhar por cima de uma planta de um edifício de implantação rectangular em bloco. Chego-me mais perto e percebo mais. O Steven explica que é um edifício de escritórios, mostra-me fotografias, percebo que é mesmo

ali ao pé. Ao almoço saio para visitar o local e volto com uma ideia mais clara e lanço-me secretamente numa proposta, entre as tarefas designadas. Esboço uma implantação, junto ao lado uma secção e ainda uma perspectiva. O Steven repara nos desenhos, discutimos algumas ideias e inclui-me na finalização da proposta. Na volta para casa vou mais leve e com a sensação de missão cumprida. Vêm-me à cabeça teorias do professor Pedro Domingos que dizia que ao aprender um processo de fazer arquitectura intimamente ligada ao lugar, era aprender a fazer arquitectura de validade universal, com qualidade em qualquer parte do mundo, de uma forma eficaz e sincera. Nessa tarde isso tinha resultado. A proposta é apresentada a Klop, o cliente que venho a saber que é também dono de outros tantos edifícios na zona incluindo aquele, onde está instalada a sede dos nunc. Convidam-me para participar na conversa que começa em Inglês mas avança para um Holandês profundo que me escapa completamente. Em cima da mesa está uma planta com secções e algumas imagens que produzimos para dar uma ideia mais aproximada da escala do edifício no local indicado. Trata-se de um edifício de escritórios em que a implantação apresenta uma inflexão estratégica e dentro de uma lógica que afirma a colisão presente na envolvente.

Não surge a oportunidade de explicar tudo isto mas Klop sorri e percebo que está satisfeito com a proposta. Johan e o Steven também estão satisfeitos o que se alastra a mim. Aguarda-se no entanto, a aprovação do município para prosseguir com o trabalho.

As sextas sem ir ao atelier levam a conhecer outros locais vizinhos a Haia mas levam também a procurar ocupação. Olham-se os concursos e há um para a Bial de Arquitectura de Roterdão. O concurso abre portas a propostas para a

cidade de Jakarta. Prosseguem investigações e mais tarde partilho as ideias no atelier. Ambos põem em cima da mesa a possibilidade de fazer o concurso em parceria, num período após horário laboral. Acontece que o Steven já esteve em Jakarta, fez um estágio em Bandung e visitou a capital Indonésia várias vezes. Juntam-se mais duas arquitectas independentes à equipa e começam as sessões de trabalho às sextas. O conceito estabiliza-se e aponta para uma forma de resolver os problemas das cheias em Jakarta que por sua vez passa por resolver a forma como as pessoas habitam a cidade e ainda como tratam os resíduos. Nasce o projecto de “Jakarta Bersih!” cujo significado se aproxima do conceito de “auto-limpeza”. São trabalhadas diferentes propostas e escolhida uma que embora se aproxime de uma utopia é mais realista que as outras. Apetece-me seguir um outro caminho mas a equipa está mais inclinada para este e embarco com eles na decisão. É definido o conteúdo explicativo do projecto a constar em dois painéis de apresentação. Cabe-me trabalhar as imagens e a própria composição do painel. Corre bem, sinto que faço parte deste projecto e o entusiasmo cresce. De repente são dezanove horas e ainda estamos a fazer os ajustes dos painéis que terão de ser entregues até às zero horas. O Johan sai para ir buscar o jantar e quase não há tempo para o meter à boca. A proposta é entregue em “cima do joelho”, foi um bom espírito de equipa mas na minha cabeça será impossível ganhar, haverá outros muito melhores, de qualquer forma teremos que esperar um mês para saber-mos o resultado. O Johan sugere uma visita ao edifício de escritórios ali perto em Wormerveer, está quase finalizado. É notório este trabalho em madeira e a luz é muito agradável, explicam-me as opções tomadas.

Visitamos também um outro edifício

que está quase concluído, o Mozart.

Trata-se de um complexo habitacional para indivíduos com atrasos mentais. A obra é organizada e o pessoal trabalha bem equipado. No interior há ventiladores para fazer secar o ar. Já se consegue imaginar bem o espaço e o corredor tem um encaminhamento para uma árvore que agora não tem qualquer folhagem, como um quadro na parede que faz lembrar até um Siza no Chiado.

O clima continua pesado, as nuvens são espessas e há ventos fortes.

A bicicleta está custosa de empurrar e escorrega nesta e noutra curva. A chuva ocupa os dias de uma semana inteira como uma torneira que não se quer fechar. Ao que parece, esta situação só é estranha aos forasteiros, uma vez que para os locais tudo continua alinhado numa rotina estranhamente normal. A princípio aborrece mas a continuidade da água que cai obriga a normalizar a situação mesmo com um intenso desejo de um sol português. Ainda sem saber resultados, Johan propõe que se faça outro concurso e sugere um cujo tema é um centro de interpretação ambiental, também este para ser concretizado em tempo extra atelier. Embarco na vontade e reunimos de novo a mesma equipa que funcionou para o projecto da bienal juntando agora ainda mais um elemento. Organiza-se uma excursão ao local de intervenção. O lugar apresenta uma forte relação com a natureza. Há depois sessões de trabalho com discussões acesas onde reina a clara discordância. Chegam a surgir propostas mas não cativam a totalidade dos elementos do grupo de trabalho.

O Johan e o Steven falam entre eles e depois comigo, acordamos que há um desafinamento no grupo de trabalho e desiste-se deste concurso.

Em casa trocam-se impressões das experiências no trabalho, há atitudes estranhas no trabalho de um e de outro,

possivelmente devido à diferença cultural e é comum o facto de facilmente começarem a falar holandês deixando de parte os que não praticam o idioma. Hoje há um concerto no Paradiso, uma das salas míticas de Amsterdão. É

Animal Collective que passeia nos meus auscultadores e que ando a tentar ver há tempos. O concerto inicia às dezassete e acaba às vinte e uma e trinta. Hora estranha para um concerto fora de um festival para qualquer latino mas que revela ser muito bem pensada uma vez que teremos que apanhar o comboio de regresso a Haia e no dia seguinte ainda se trabalha cedo. O concerto começa às dezassete em ponto, põe a sala aos pulos até que bate as vinte e uma e trinta e acaba. As palmas não servem para trazer a banda ao palco e a segurança diz que teremos que abandonar a plateia rapidamente. Tudo é organizado e corre como planeado. Não há imprevistos.

O trabalho de atelier é variado, muitas vezes decidido diariamente, incidindo muitas vezes em tarefas simples como a organização de uma planta de um edifício ou simplesmente a elaboração de uma maquete parcial. O projecto de execução aqui é diferente. No caso do mapa de vãos, por exemplo, são escolhidos os vãos e pedidos os desenhos aos fabricantes. São depois aplicados no desenho e apresentada uma descrição contextualizada onde é essencial o domínio da língua Holandesa que me afasta dessa função. Aproveito para espreitar a biblioteca que contém praticamente todos os livros que admiro mas de difícil acesso. Há várias “el croquis”, alguns livros do Koolhaas, MVRDV e não falta um Siza Vieira, um Souto de Moura e um Carrilho da Graça. Entretanto o município responde com uma rejeição do projecto de Klop que teria de se sujeitar a uma implantação mais comedida que não compensa. Este não vai para a frente.

Recebem-se visitas familiares na altura da Páscoa. Planeamos um tour que envolve Haia e Amsterdão em quatro dias. Todos reparam nas bicicletas e adoram Amsterdão com os canais e o centro histórico. Discute-se o Red Light District. Questiona-se se tal resultaria em Portugal, uns que concordam com a existência de controlo e saúde nesta actividade e outros que discordam pela perversidade e choque. Na mesma faz-se o passeio por lá, o clima é descontraído e soltam-se risadas.

Há dias de sol holandês, pedala-se por Haia num Domingo calmo, mastiga-se uma Stroopwafel. É incrível esta passividade da vida ciclável. Faz pensar, ou que isto ainda não chegou ao Portugal ou que passou por nós sem darmos conta. É simples e fácil. Mais, é bonito.

Volta-se a casa ao anoitecer, estaciona-se o ciclo composto junto a um poste e ao jantar tenta-se inventar um cozido à Portuguesa com ingredientes portugueses.

Serão já saudades. Consulta-se o e-mail e aparece um IABR a negrito que diz que o projecto “Jakarta Bersih” obteve o primeiro prémio na competição da bienal. Abraços e pulares conjuntos de contentamento levam depois a pegar no telefone para avisar a restante equipa. Tenho o número móvel do Steven, é Domingo e já passa das vinte e duas. Do outro lado aparece a voz de alguém que não está satisfeito com a chamada tardia e que espera que seja urgente. Peço desculpa e avanço com a notícia que é recebida com a maior normalidade do outro lado. Desligo e fico contente embora me pareça que o entusiasmo não é partilhado. É bom ganhar. Surge-me de imediato o discurso do Professor João Rudolfo de Geometria Descritiva que apontava para o vício do sucesso, dizia ele que quando se atinge o sucesso, seja ele de que amplitude for, cria um desejo de repetição da sensação daí resultante.

Sente-se que se se ganhou agora é possível ganhar tudo o que se segurará.

Esta Segunda-Feira é especial, encontro o Johan no caminho que me pergunta se faço anos uma vez que o Steven lhe pediu para trazer uma garrafa de vinho e bolos. Nego e subimos até ao último andar para o atelier. O Steven já se encontra lá e dá como oficial a notícia.

Segue-se uma celebração no terraço ao sol, juntam-se também a Tanja e a Flor. A conversa divide-se entre o Inglês e o Holandês que me escapa. Há planos de meter a equipa toda num avião e rumar a Jakarta para receber o prémio e visitar os Kampungus que observamos através do googlemaps para apresentar uma evolução para a exposição na Bienal em

Roterdão. A Floor não pode ir à viagem. A Tanja e o Steven vão num voo que faz escala em Singapura e eu e o Johan planeamos um outro voo que faz escala em Hong Kong para aproveitar uns dias no retorno. Horas longas de voo para uma chegada à ilha de Java que faz parecer andar sempre enrolado numa nuvem quente. Humidade e um cheiro nunca antes experimentado. O trânsito é caótico mesmo em vias com seis faixas de rodagem e a condução aflitiva. Os passeios a pé fazem doer os ouvidos e os pulmões, a opção é o táxi para nos mexermos na cidade.

O Steven fala um pouco de Bahasa e consegue indicar o caminho ao taxista rumo ao centro de Design e Arquitectura. Somos bem recebidos, há um workshop acerca da open city, tema da bienal holandesa neste ano, com arquitectos locais convidados e é-nos dada a oportunidade de apresentar a nossa proposta vencedora. O Steven começa com umas palavras em Bahasa e apressa-se a dizer que por mais que gostasse de apresentar o projecto em Bahasa Indonesia tal não é possível e muda para o Inglês. Origina-se uma risada geral e a apresentação corre bem.

No entanto para o final estão reservadas duras críticas à proposta, apontando o dedo à falta de sensibilidade e acusando os arquitectos de criar antros de substituição e crime.

Os restantes dias são aproveitados para o trabalho de campo, para o reconhecimento de kampungus. Rapidamente se chega a uma percepção correcta da escala das localizações a intervir e que os Kampungus, bairros de desenvolvimento espontâneo, podem ser organizados em tipologias diferentes consoante a sua localização. Surgem ideias para alimentar a nossa apresentação na Bienal de Roterdão. Para além disso surge uma vontade de transformar a proposta num projecto passível de ser construído.

A volta implica o planeamento desta nova fase de maturação do projecto e a concretização de uma proposta mais completa a apresentar na Bienal.

Em simultâneo fala-se de se fazer um outro concurso, agora não restringindo às ideias mas antes algo com o objectivo de ser construído. Johan sugere um concurso que para “a nova casa Holandesa” a ser concretizado num bairro em Amsterdão. Faz-se um planeamento e entre o trabalho noutros projectos já em obra e ainda reuniões para outros que se encontram em estudo prévio.

Rapidamente se constrói um conceito que introduz a presença e hábitos muçulmanos no país, assunto “quente” na agenda política do momento. No fundo pretende pensar-se numa habitação que afirma uma mistura da cultura Muçulmana e Holandesa. Fica a meu cargo a manipulação de imagem e a finalização de desenhos introduzindo colagens em perspectivas que mostram a ideia. Envia-se a proposta e aguarda-se o resultado. Contam-se seis meses de viagens entre Haia e Koog Zaandijk que levam ao equacionar de uma mudança para uma casa mais próxima do atelier. Há uma

hipótese de ocupar um apartamento de Klop que se aproveita. Com a ajuda do Johan, mudo tudo, incluindo a mobília que fomos arranjando gratuitamente pela internet, numa tarde para a nova casa. Esta está mesmo em cima do rio Zaan, trata-se de um edifício industrial que fora em tempos uma fábrica de chocolate e depois uma fábrica de tintas. É agora o “elefante branco” numa secção, uma zona de garagens noutra e lá em cima um apartamento com oito divisões. Fazemos o quarto com sala e escritório na divisão que parece ser mais confortável. A vista é de rio onde passam barcaças curtas e compridas que alimentam um desejo resguardado de ser marinheiro. Aqui não é possível ter internet mas o atelier fica apenas a umas pedaladas de distância.

É verão e com ele o direito a uma semana de pausa que se usa para visitar Texel, a ilha a norte. Mochila e tenda às costas com o objectivo de alugar bicicletas no parque de campismo. Primeiro Den Helder, a cidade fantasma e depois a passagem de barco até à ilha. Aqui a vida é mais rural, há vacas e ovelhas e estas últimas parecem ter cabeça de cão.

A praia oferece a oportunidade de um banho refrescante e anda-se sempre de bicicleta para as localidades vizinhas, experimenta-se até uma *tandem*, de dois lugares.

A pausa passa rápido e há ideias para se adquirir um barco para aproveitar a proximidade com o rio. No entanto, nesta manhã de retorno ao estágio há notícias do concurso para a nova casa holandesa: segundo lugar. O segundo lugar é estranho por se ter ficado tão próximo do primeiro. É atribuída uma qualidade ao projecto apresentado mas não o suficiente para vencer, houve um outro que encheu melhor o olho do júri. Há um projecto a ser desenvolvido e o Steven pede a minha ajuda. É um edifício de construção modelar em que o cliente

é uma construtora que pretende um complexo de trinta habitações unifamiliares. É feita uma pesquisa, discute-se formas de abordagem como a de Siza em Évora ou na malagueira do Porto. Aponta-se para uma estratégia de projecto que pretende obter uma separação clara de cada habitação ainda que dentro de cada bloco de dez fogos.

A fachada apresenta fenestrações com uma geometria simples e Steven pede-me para elaborar umas imagens de apresentação ao cliente. Tento introduzir diversidade na ocupação da imagem, crio até a fantasia de senhoras que se passeiam no bairro em bikini, elaboração que é mais tarde expressamente rejeitada pelo cliente que prefere engravatados e crianças a correr no jardim do bairro que desenhamos. Será construído no ano seguinte. Uma visita familiar inesperada ajuda no transporte do barco de quatro metros e vinte para a frente da casa. É um barco à vela aberto, com um mastro e retranca em madeira. A navegação é suave e agradável. Assim já é possível ser marinheiro.

A bienal pede um conjunto de painéis que apresente a proposta que entretanto evoluiu para quatro arquétipos de habitação social em que é desenhada uma estrutura social, com o equipamento necessário ao bairro, como uma mesquita ou escola e uma trama que divide os fogos, posteriormente ocupados e interiormente desenhados pelos seus ocupantes, tal como fazem actualmente nos Kampung de nível térreo. Há uma proposta especialmente desenhada para resolver kampungs no distrito central de negócios, uma outra para as auto-vias elevadas, outra para funcionar junto aos rios e ainda outra para as zonas industriais. Na bienal somos gentilmente recebidos com felicitações e agradecimentos e ainda propostas para regressarmos a Jakarta com o fim de construir. Debaxo

do braço trazemos o livro em que fomos publicados com os restantes projectos da Bienal. Há orgulho. As sextas livres, na nova casa, para além de acrescentar novas fotografias ao blog, servem de alimento à produção de projectos guardados em gaveta. Entende-se o projecto como algo inacabado e em processo de elaboração e enfatiza-se o desejo de criar outros com esse mesmo propósito de pairar à espera de continuar sem ficar à espera de finalizar.

Por um lado, surge a construção musical electrónica com o projecto Snorlands, inspirado na comida holandesa. O EP de quatro faixas é construído e distribuído em edição limitada de 15 cópias. Ficheiros digitais são enviados a editoras das quais uma responde com um “continuem a praticar”. Por outro lado surge a ideia de uma curta-metragem filmada na nova casa que se assume só por si como um potencial cinematográfico. Passados dias, recebe-se um telefonema do município de Zaandam com um convite para participar num concurso para um parque de bicicletas. A documentação chega por correio e o Steven e Johan aceitam o desafio e encarregam-me de desenvolver o projecto. Explicam-me que terão de ser apresentadas três propostas com variações programáticas. Inteiro-me de referências, pesquiso parques semelhantes, folheio livros que guardam a arquitectura do parque automóvel. Um parque pode ser muito mais do que um simples dormitório paramáquinas, tem o direito de enquanto peça arquitectónica representar uma experiência espacial. Steven e o Johan ajudam-me com os desenhos e faço um modelo de estudo em cartão no tempo livre. Apresento aos chefes no atelier que admiram a dedicação. Fazem-se uns ajustes ao desenho elaborado, juntam-se imagens e texto num caderno de apresentação e entrega-se no município.

Aguarda-se com expectativa. Os dias começam a ficar gelados, as temperaturas mal chegam aos 5 graus e a chuva cai dias a fio. Mês onze e ainda não se voltou a Portugal, já é tempo. No atelier surge a hipótese de ficar como freelance mas a vontade é de voltar à

Pátria e sentir o sol na cara. Os trabalhos prosseguem entre visitas a projectos que são inaugurados, põem-me às mãos um antigo projecto apelidado de “cobra” por passar por aí a estratégia de implantação. Revejo tudo e elaboro uma nova apresentação que segue para o website do atelier. O telefone toca, é do município. O Steven atende, troca palavras cordiais e não esconde o entusiasmo. Vencemos. O Johan diz para parar os trabalhos e sigo até ao Albert Hein para recolher o necessário à celebração. Este é um prémio valioso, com direito à construção do projecto. Trocam-se sorrisos e é reforçado o convite para ficar na Holanda. A vontade divide-se, fica um talvez para decidir num futuro depois do Natal. Alguns amigos combinam uma visita à casa de Zaandam antes de regressarmos a Portugal. São dias de trabalho e noites de festa. Fazem-se jantares onde cabe até uma sapateira e viagens à vida nocturna de Amsterdão. Contam-se os dias e começa-se a pensar no que fazer às coisas que se adquiriu. Há o barco, mobília e bicicletas para além da roupa de um ano no estrangeiro.

Equacionam-se coisas, vendem-se algumas uma das quais o barco e empacotam-se outras que seguirão por camião para a MARL de Lisboa. A casa começa a esvaziar. No atelier os dias são ocupados com o arquivo de ficheiros e a finalização de trabalhos pendentes.

Chega uma encomenda, o Johan pede para eu abrir. É um computador portátil.

Relaciono as perguntas que os patrões me tinham feito há semanas e eis que o Johan diz que é para mim. É o reconhecimento do teu esforço durante todo o estágio. Não estava à espera, é uma boa ferramenta de trabalho. Trocam-se abraços e agradecimentos. Criou-se uma amizade a partir do trabalho. Conto a todos que me dizem ser inacreditável terem-me oferecido tal prenda. Há um sorriso que não me sai da cara. Sente-se o natal Holandês com todas as guloseimas, canções e um manto gelado.

Faz-se um último jantar organizado que junta amigos holandeses com visitas de Portugal para as despedidas que cria um ambiente nostálgico, semelhante ao que se sentiu ao abandonar Milão.

Malas feitas e segue-se para a estação de Koog Bloomwijk onde são deixadas para trás duas bicicletas com um "take me, i'm free" colado no guidador, uma vez que não conseguiram ser vendidas.

Apanhamos uma ligeira queda de neve mesmo antes de partir para o Porto e depois para Lisboa já estagiado.

O REGRESSO

O regresso a Portugal sabe bem. Há caras que apetecia ver e há um conforto que faz parte do voltar a um lugar que se conhece bem.

Há uma decisão tomada de voltar que não deixa para trás os nunc. Pelo contrário, está em cima da mesa a tentativa de trabalhar via internet e levam até a abrir actividade uma vez que me pedem para iniciar um novo projecto logo a partir do início de Janeiro. Há um desejo de experimentar agora a arquitectura em Portugal, de ser independente e de iniciar algo de raiz. Talvez seja cedo. Apoio-me nos projectos que me vão sendo encomendados e dedico-me à outra parte do estágio. Há

uma formação para fazer e o exame a membro efectivo. Visito também o atelier DXF onde trabalhei antes de ir para a Holanda, dizem ter ouvido falar do projecto de Jakarta, que saiu até numa das revistas de arquitectura. Agradeço tudo enquanto me mostram também o trabalho desenvolvido ao longo do ano. Fica no ar uma colaboração próxima, talvez num concurso.

As aulas decorrem e faço também uma formação específica em arquitectura bio-climática na própria ordem que se revela ser apenas uma consolidação de ensinamentos já adquiridos na faculdade.

Os dias em Portugal são diferentes, há mais luz mas falta qualquer coisa. Há saudades da Holanda, de ir de bicicleta para o atelier e mais tarde até ao centro ou até a outra localidade. Há falta da liberdade de se estar num sítio onde não se compreende o que os outros dizem e dessa forma concentramo-nos mais nas acções precisas e objectivas. Falta também uma espécie de experimentação urbana em curso que se apresentava nas cidades Holandesas, sem medo de estragar e com vontade de palmilhar caminhos de evolução. Chega o dia do exame e mais tarde o resultado que fecha o capítulo do estágio.

Fica a ambição de concretizar obra e de alimentar colaborações com outros arquitectos.

apreciação
do júri



Tendo em conta o carácter do prémio, a ausência de qualquer enquadramento rígido para a apresentação das candidaturas e a inerente subjectividade de cada trabalho, o júri decidiu primeiramente proceder à análise dos trabalhos a título individual. Seguidamente promoveu-se um debate sobre aquilo que cada um dos jurados considerou serem os aspectos mais relevantes de cada trabalho, discutindo-se a sua forma, os seus conteúdos, e a sua apresentação.

Para além da maior ou menor emotividade e/ou proximidade que cada trabalho despertou, procurou-se que a avaliação das propostas correspondesse a critérios relativamente objectivos, que de algum modo as permitissem hierarquizar. Assim, para lá da descrição da experiência pessoal [as viagens, os amigos, as mudanças, as ilusões e as desilusões], procurou-se que as propostas nomeadas revelassem uma visão assertiva sobre as experiências adquiridas nos estágios, e também que as comunicassem sob um ponto de vista eminentemente disciplinar, ou demonstrassem o envolvimento que cada qual terá tido com a respectiva experiência profissional que acabara de atravessar.

Dos critérios de avaliação, foi tido igualmente em conta a qualidade literária e/ou gráfica, a riqueza da descrição, a capacidade crítica, e a demonstração da importância da experiência dos respectivos períodos de estágio na formação pessoal e profissional de cada um dos proponentes.

Sobre as Crónicas de Bruxelas de João Pelixo Azougado, o júri tem a salientar a franqueza, a sensibilidade e o bom senso demonstrados pelo autor. O texto é bem estruturado, relatando de forma clara, humorada e ligeira o seu estágio, não se dispensando o autor de oferecer uma visão crítica e criteriosa sobre o seu próprio trabalho, demonstrando ter sabido tirar partido de tarefas e práticas algo distantes daquilo que à priori são as expectativas profissionais de um recém-licenciado em Arquitectura, nomeadamente no contexto algo singular da experiência por que passou Azougado.

Do Estágio de Joel Gomes ressalta desde logo a cuidada apresentação gráfica da proposta, numa evidente correlação com o trabalho desenvolvido no gabinete onde colaborou. Em certa medida o próprio texto confirma-a, a essa proximidade, fazendo adivinhar uma afinidade entre a cultura de projecto praticada no atelier e a própria sensibilidade de Joel Gomes. Ainda que não se observe um posicionamento crítico do

autor sobre a sua experiência, o trabalho revela capacidade reflexiva e, sobretudo, um especial envolvimento no processo de conceptualização e criação arquitectónica que teve oportunidade de acompanhar ao longo do seu período de estágio, “quase sem dar por isso”.

Um Estágio em Portugal e no Mundo com Álvaro Siza, de Ana Simões da Silva retrata de forma exemplarmente bela a experiência da autora. A forma emotiva usada para descrever o período em que estagiou revela não apenas uma enorme afectividade para com a arquitectura, como também evidentes recursos literários, cruzando descrições, diálogos e reflexões pessoais, num texto apazível, comunicante, e exemplarmente construído a partir de memórias dispersas, permitindo-nos acompanhá-la, à autora, por esse seu percurso de aprendizagem profissional e pessoal, indistintamente.

O caderno, ele próprio um objecto extraordinário, que cuidadosamente vai conjugando textos, imagens e desenhos, transporta-nos para esse tempo e esse lugar que Ana Simões da Silva viveu, levando-nos a experimentar os dias por que passou: o que viu, o que fez, o que ouviu, o que aprendeu; conjugando de forma muito especial a sensibilidade pessoal com o modo com que a autora entende a arquitectura.

Um estágio na Holanda de João Bentes é uma descrição longa, por vezes exaustiva, do percurso do autor, num texto bem desenvolvido, que retrata os muitos projectos em que se envolveu, e da mesma forma a dimensão humana da sua experiência de estágio, quer no gabinete que o acolheu, quer nas cidades que viveu, quer nas viagens que fez.

A dificuldade de síntese de Bentes é largamente compensada pelo rigor que o autor se exige, construindo uma história densa, repleta de episódios – muitos deles felizes –, descrevendo de forma entusiasmada e entusiasmante a sua relação com a disciplina. O texto, livre, bem humorado e despretensioso, faz adivinhar uma especial propensão de Bentes para a prática arquitectónica; fazendo crer que a experiência pelo qual passou constituiu um passo muito importante para a sua formação como arquitecto. Mais do que isso: o texto revela emoção: a emoção no modo como o João se relaciona com o que faz.

O texto de Inês Fragolho é um relato vivo e espontâneo, que integra tanto a descrição das vivências mais pequenas ao

longo do percurso de estágio como a descrição do contacto com a prática da arquitectura.

Havendo alguma singularidade na experiência de Inês – que estagia em dois ateliers distintos, vivendo em dois países diferentes –, a descrição que nos é dada a ler consegue de algum modo criar uma linearidade e uma coerência entre esses dois mundos à partida tão distintos que, sob o olhar da autora, aparentam uma curiosa proximidade. A conjugação descomplexada entre texto e imagens facilita em muito a compreensão daquilo que a Inês foi fazendo e foi vivendo ao longo do seu período de estágio, revelando-se a sua propensão e cultura disciplinares, e do mesmo modo uma enorme vontade em explorar modelos e metodologias que até então lhe eram estranhas à sua formação.

Não havendo nada mais a referir, o Júri propõe então ao Conselho Regional de Admissão Sul da Ordem dos Arquitectos a premiação dos cinco trabalhos mencionados.

Lisboa, 29 de Abril de 2013

Filipa Melo, jornalista e escritora
Sara & André, artistas plásticos
Pedro Machado Costa, arquitecto

*exposição e
conferência*



Estágios em Portugal e no mundo

Entrega de prémios, conferência e exposição
30 Maio 2013 – 18h30
Galeria da Ordem dos Arquitectos

Comissariado

Luis Pereira Miguel
Carla Oliveira
Tiago Pinhal Costa
Rita Alves

Secretariado

Ângela Gomes

Assessoria de imprensa

Margarida Portugal

Produção

Sara Andrade

Design

vivóeusébio

Júri

Filipa Melo
Pedro Machado Costa
Sara&André

Agradecemos o apoio e depoimentos dos arquitectos

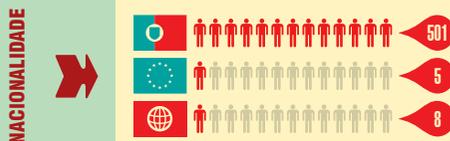
Álvaro Siza Vieira, Manuel Graça Dias, José Mateus, José Adrião, Ricardo Paulino e João Ferrão
Conselho Directivo Regional da Secção Sul da Ordem dos Arquitectos
Júri (Filipa Melo, Pedro Machado Costa, Sara&André)

A “Exposição e Conferência” pretendeu organizar uma leitura do “Estágio” em três vertentes. Por um lado temos o resultado do concurso, com os cinco cadernos vencedores dando-nos uma visão muito focalizada e pessoal do percurso de cada um. Ao centro da sala temos a visão nua e crua dos factos, criativamente organizados pela mão do design. Esta é a visão tecnocrática e estatística da admissão à Ordem dos Arquitectos. Por último, no lado esquerdo, um vídeo que reúne a entrevista ao Arquitecto Siza Vieira e um pequeno encontro no bar da Ordem com a presença dos Arqts. José Adrião, Ricardo Paulino e João Ferrão. Esta é a visão informal, transgeracional que nos dá uma leitura do que é ou pode ser um estágio, e sua reflexão no percurso profissional. No fim destas leituras, depoimentos e informação, fica a ideia de que embora muito diferentes, os estágios em geral têm pontos em comum, quer os que se fazem agora, quer os que se fizeram há muito tempo. Essa comunhão passa por uma grande vontade de aprender e viver a Arquitectura, de nos tornarmos parte dela e a enriquecermos.

Poucas vezes os arquitectos podem ter um período tão rico de aprendizagem como este. Tanto nas boas como nas más experiências, o período de acesso à profissão marca quem o faz. Foi e é esse facto que se pretende divulgar e valorizar.



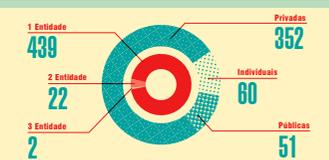
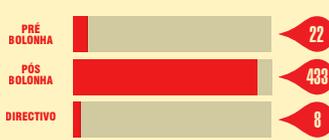
2009



FACTOS DO ANO

- ABR** - Siamo em L'Aquila, Itália (morreram 299 pessoas)
- MAI** - Primeiro caso do vírus H1N1 em Portugal
- JUN** - Avião da Air France cai no Oceano Atlântico
- Morre Michael Jackson
- Maddoff é condenado a 150 anos de prisão por fraude financeira
- AGO** - Morre Raúl Solnado
- OUT** - P.J. desencana a operação Face Oculta
- DEZ** - Entrada em vigor do Tratado de Lisboa

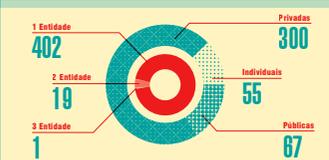
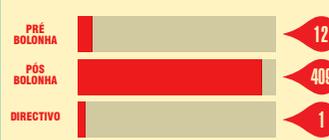
2010



FACTOS DO ANO

- JAN** - Siamo mortífero no Haiti
- FEV** - Encurada na floresta mata meia centena de pessoas
- ABR** - Maré negra da BP no Golfo do México
- É lançado o iPad
- Vulcão Eyjafjallajökull
- MAI** - Bruto XVI visita Portugal
- Nasce o Processo Face Oculta
- JUN** - Realiza-se o primeiro casamento gay em Portugal
- JUL** - Espanha vence mundial de futebol
- AGO** - 33 mineiros chilenos são resgatados depois de 17 dias soterrados
- OUT** - Inaugura a Fundação Champalimad
- NOV** - Facebook chega aos 500 milhões
- DEZ** - Rui Alexandre é eleito presidente do OASRS

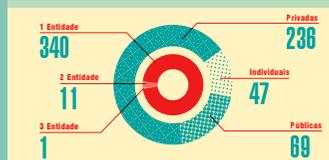
2011



FACTOS DO ANO

- JAN** - Cavaco Silva é reeleito Presidente da República
- Começa a Primavera Árabe, com a fuga do presidente Ben Ali da Tunísia
- FEV** - Hosni Mubarak renuncia ao poder no Egipto
- MAR** - Tsunami gigantesco no Japão
- ABR** - Príncipe William casa com Kate Middleton em Londres
- Troika chega a Portugal
- MAI** - Bin Laden é morto
- Strauss Kahn é detido em Nova Iorque
- JUL** - Sudão do Sul torna-se independente
- Atentado na ilha de Utøya, na Noruega
- OUT** - Muammar Kadafi é capturado e assassinado
- A população mundial chega aos 7 mil milhões de pessoas

2012



FACTOS DO ANO

- JAN** - Naufrágio do navio cruzador Costa Concordia, na freguesia da Toscana, em Itália
- FEV** - Cantora Whitney Houston morre aos 48 anos
- ABR** - Morre o eurodeputado do Bloco de Esquerda, Miguel Portas, aos 53 anos
- MAI** - François Hollande é eleito presidente da França
- Morre do pianista Bernardo Sassetti, aos 41 anos de idade
- JUN** - Morre o arquiteto Manuel Tainha
- JUL** - Descoberto o Bosão de Higgs
- Morre José Hermano
- Trioletto nimã saía de prisão em Aurora, no Colorado, EUA, tendo 12 pessoas o tido 58
- Michael Phelps torna-se o atleta mais medalhado de sempre nos jogos Olímpicos
- OUT** - O furacão Sandy afeta as Caraíbas, Bahamas, Estados Unidos, Bermuda e Canadá
- NOV** - Barack Obama é reeleito presidente nos Estados Unidos
- DEZ** - Morre, aos 104 anos de idade, o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer



ORDEM DOS ARQUITECTOS
SECÇÃO REGIONAL DO SUL

SECÇÃO REGIONAL DO SUL DA
ORDEM DOS ARQUITECTOS
Gabinete de Apoio à Admissão
Travessa do Carvalho, 23
1249-003 Lisboa
Tel: 213 24 1162
premioestagios@oasrs.org
www.oasrs.org